OBRAS

DO

CONDE DE MONSARAZ

II

TELAS HISTÓRICAS
POESIAS
VERSOS DISPERSOS
(SÉCULO XIX)

LISBOA • MCMLVIII

OBRAS
DO
CONDE DE MONSARAZ

Edição definitiva sob o patrocínio
do Instituto de Alta Cultura

B
50.779

OBRAS

DO

CONDE DE MONSARAZ

II

TELAS HISTÓRICAS
POESIAS
VERSOS DISPERSOS

22. DEZ. 1958

LISBOA • MCMLVIII

OBRAS

DO

CONDE DE MONSARAZ

II

BIBLIOTECA PÚBLICA E
ARQUIVO DISTRITAL
DE
ÉVORA

MACEDO PAPANÇA

Em 1882

Centenário de Pombal

TELAS HISTÓRICAS

O GRANDE MARQUÊS

À MEMÓRIA

DO

MARQUÊS DE POMBAL

I

Dois séculos cruéis dum fanatismo bruto
Encarnaram num rei carola e dissoluto.
E o mundo viu então o quadro lastimoso
Dum povo que foi grande, heróico e generoso,
Quebrada a tradição do seu valor potente,
Passivo, idiota e mau, rojar-se imbecilmente
Sobre os degraus dum trono esfacelado e morto...

Foi el-rei D. João V esse piedoso aborto.

II

Dois séculos atrás, na montanha da História,
Brilha como um farol aquela imensa glória
Que exaltou Portugal fazendo-o subjugar

Os frémitos da terra e as convulsões do mar,
E que mostra os perfis, à multidão que passa,
Dum príncipe de sangue e dum poeta de raça:
Do infante D. Henrique e de Luís de Camões.

Vêm descendo a ladeira as longas procissões
De povos e de reis, humildes e curvados,
A fronte decaída, os pulsos algemados.
Sonâmbulos, seguindo automàticamente
O espectro que através duma noite inclemente
Os leva e os arremessa ao vórtice do abismo:

O espectro é Santo Inácio; — a noite, o jesuitismo!

Condensa-se de todo a névoa densa e fria
Em Alcácer-Quibir, na tragédia sombria
Onde o corpo dum rei, desamparado e novo,
Morreu e se enterrou no coração dum povo.

Caquéctico, a tremer na púrpura real,
Assenta-se no trono um velho cardeal.
Esse régio imbecil teve a loucura estranha
De entregar Portugal às ambições da Espanha,
Lançando-nos assim num cárcere profundo
Onde, ao ver-nos sofrer, nos desprezava o mundo!

Foi então, foi então, no escuro cativeiro,
Que, humilhados à voz do déspota estrangeiro,
Nós sentimos passar, submissos e poltrões,
Do cruel duque de Alba os negros esquadrões,
Levando a ferro e fogo às tristezas do oceano
Um príncipe real de sangue lusitano.

Vai decaindo tudo em podridão e em lodo;
Toda a nossa grandeza, o nosso orgulho todo.
Os mais largos ideais, a mais luzida fama,
Os feitos varonis de Albuquerque e do Gama,
As conquistas de Ormuz, de Malaca e de Goa,
Prodígios de valor que o universo apregoa,
Tudo se apaga enfim dos fastos da memória.
Debruam-se de luto as páginas da História,
Quebra-se a tradição, a dignidade e o brio,
A consciência tem medo e o coração tem frio.
A alma popular, desnorteada, geme
Num mar de escravidão, sem bússola nem leme,
Sufocam-nos de horror dois monstros singulares:
São o duque de Lerma e o duque de Olivares.
Entre as garras da fé chora a razão cativa;
Jesus morre outra vez, e o espectro de Acquaviva
É que ressurge então, sereno e omnipotente,
Da campa solitária ao espaço transparente!

Continua a descer o lívido cortejo
De povos e de reis... Um último lampejo

Esclarece um momento o escancarado abismo...
Solta-se a rija voz do antigo patriotismo,
Vibrante de paixão nas solidões da noite,
E assim como do Sul o tenebroso açoite
Agita e convulsiona um pântano maldito,
Também esse febril, nervoso e estranho grito
Nos abala e revolve o íntimo do peito.

Realizou-se afinal o velho preconceito,
A constante visão desse funesto sono:
— Um cão faminto e magro a estrangular o dono...
A Espanha errou, caiu. — Tiram-lhe a prova real
Num dia a Catalunha e no outro Portugal.

Somos livres!
Porém a decadência avança
De Filipe III ao duque de Bragança,
Sanguinária e cruel no seu caminho escuro,
Cresce cada vez mais o pútrido monturo,
Onde a guerra desprega, esburacado e velho,
Aos vendavais da morte, o seu pendão vermelho,
Como nódoa de sangue a flutuar no espaço.
Sob o mesmo dossel vivem no mesmo paço,
Confundidos num só, despótico e traidor,
Dois monarcas fatais — o rei e o inquisidor,
A estupidez e o ardil, o cúmplice e o assassino,
O tirano passivo e o déspota leonino;

E na consumação desse medonho pacto
Jesus reina de nome e Satanás de facto.
O ceptro cai nas mãos dum rei devasso, rude,
Desvairado e plebeu. Sem força nem saúde,
Mentecapto infeliz, apodreceu de medo
A tremer e a rezar na noite do degredo,
Imagem lastimosa, ou símbolo dorido
Dum reino sem vigor, estúpido e perdido.

Sobe em seguida ao trono o fratricida odiento
Que vem marcar na história um trágico momento:
Abateu-nos então pela primeira vez
O pulso rijo e são do despotismo inglês,
Que inda hoje brutalmente o peito nos esmaga;
Methwen foi um punhal, e abriu a eterna chaga
Que verte o sangue e o fel das nossas agonias!

III

Abrem-se à luz do sol as ricas pedrarias
Das minas do Brasil... As ondas rutilantes
Dum mar de oiro a ferver na espuma dos diamantes
Inundam Portugal, anémico e faminto:
É um deslumbramento, um sonho!

D. João V

Sorri devotamente. O rei famoso e forte
Adora a glória e quer sobreviver à morte.

Se é Deus quem lhe confia o esplêndido tesoiro
É preciso ser grato, erguer-lhe um templo de oiro,
Pregá-lo numa cruz de prata, cravejada
De brilhantes de preço... E a Europa subjugada
Há-de saber então que o rei que assim se expande,
Se é religioso e bom, também sabe ser grande.

Em honra, pois, de Deus, o velho Portugal
Vai transformar-se enfim num templo colossal.

Que negro pesadelo! As muralhas possantes
Parece que sòmente um povo de gigantes
As poderia erguer; e adentro das muralhas
Fazem-nos conceber ciclópicas fornalhas,
Derretendo no fogo os ríspidos metais,
As colunas de bronze e os carrilhões brutais.
Dentro do templo assiste inteira a sociedade,
Clero, nobreza e povo, a essa festividade
Que gasta em pompas vãs muitas dezenas de anos...

O monarca executa os seus doirados planos.

Cantam soturnamente os frades opulentos
Um canto sepulcral. Percebem-se os lamentos
Passar do cantochão na fúnebre cadência.
Escuta-se a chorar da velha decadência

A alma desgrenhada, em trenos e elegias,
Que morrem a tremer nas abóbadas frias!
Qual nuvem que escurece a intensa luz dum sonho,
Passa entre esse esplendor o tribunal medonho
Do Santo Ofício.
No adro acendem-se as fogueiras
Em que o hereje alimenta as chamas carniceiras...
O monarca tem Breve e a Inquisição tem Bula,
Podem fartar de carne a monstruosa gula.
Esmaga-se entretanto o coração do povo;
No cérebro em que surge um pensamento novo
Cai implacàvelmente a eterna maldição;
Algema-se a justiça, abafa-se a razão,
Paralisa-se a alma, a ciência desfalece;
Nem um raio de sol as pétalas aquece
Da fina flor azul de estames de oiro — a arte;
Os mananciais do amor secam por toda a parte;
Invade os corações uma tristeza amarga
Que os gemidos sufoca e as lágrimas embarga;
Definha-se o comércio, a indústria, a agricultura,
Três sombras a que se abre a mesma sepultura.
A Europa folga e ri desta miséria extrema,
E pensa em resolver um ávido problema:
Que nação herdará a imensa catedral?
A Holanda? a Inglaterra? a Espanha? a França? qual?
Ao rei importam pouco as divisões do mapa,
No céu existe Deus, na terra existe o Papa,
Que a peso de milhões lhe manda de presente
Um rico patriarca e um título eloquente.
Que mais quer? a que mais deve aspirar um rei?

Pode e manda; o seu gesto é duro como a lei
Que está na sua mão. Ninguém com mais entono
O ceptro ergueu, de pé, sobre os degraus do trono,
Ou o manto arrastou, entre o esplendor da corte,
Nas grandes recepções, com mais altivo porte.
Depois, quem tem como ele a santa liberdade
De possuir no templo, ali, muito à vontade,
O místico, o sensual, o erótico prazer
De afagar o marfim dum colo de mulher,
Matando-lhe na boca a sede do infinito
Entre os beijos do amor e as orações do rito?

É na verdade um rei predestinado e forte,
Cuja glória o fará sobreviver à morte!

Tinha descido muito a longa procissão
De povos e de reis... A mágica atracção
Que exerceu sobre nós a púrpura e a roupeta
Fez-nos descer ainda...
A gélida ampulheta
Em que o destino mede a duração e a vida,
E ante a qual estrebucha a alma espavorida,
Encerra para nós já poucos grãos de areia.
A história vai contar mais uma cova cheia:
Morre como um cobarde o heróico Portugal.
Ninguém o salvará?

Da escura catedral
Sai finalmente um dia o régio sibarita
Num féretro pomposo... Alucinada e aflita,
Chora nos corações a imagem do passado;
É que ali não vai só o corpo inanimado
Do velho rei defunto. Esse féretro encerra
O cadáver da pátria. E há-de engolir a terra
As ilusões dum povo e o orgulho duma raça
Cuja glória se apaga ao vento da desgraça?

Pelas ruas desfila esse cortejo austero:
Vai o estado-maior da nobreza e do clero.
Balouçam-se de manso os coches holandeses,
Sob o intenso fulgor de rútilos jaezes.
Caminham devagar os cavalos da Hungria,
De pêlo assetinado e crina luzidia.
Numa estufa real, vestido de vermelho,
Curvado, vai rezando o patriarca velho,
E os cónegos atrás, nas berlindas doiradas
Que humilharam de inveja, em ricas embaixadas
Duma pompa oriental, a Áustria e o Vaticano.
Inda depois de morto ao César soberano
A riqueza não falta e o luxo portentoso
Que foi o sonho, o ideal do seu poder vaidoso.
Rematam o cortejo arautos, passavantes,
Archeiros, pajens, tropa. As fardas deslumbrantes
Fazem brilhar ao sol as pedras e os metais.
Não cessam de dobrar os sinos colossais
Que o rei mandou fundir — grandes moles de bronze,

Cujo funéreo som, na Itália, Clemente XI,
Quando pensava em nós, distintamente ouvia.

De quarto em quarto de hora estoira a artilharia.

Ao transpor os umbrais do infinito repouso
Nada falta ao monarca altivo e espaventoso.
A religião perdeu o seu melhor vassalo;
Roma sentiu decerto um formidando abalo
Quando lhe ouviu cair, rude como um trovão,
Sobre o corpo gelado a tampa do caixão.

IV

Novembro: uma manhã de clara Primavera.
O fantasma do Inverno envolto se escondera
No seu manto de neve. Um quente sol de Estio,
Doirando os areais, faiscava no rio
Anilado e tranquilo. A alma da natureza
Jorra a luz e dissipa as névoas da tristeza;
Paira sobre a cidade a bênção triunfal
Do espírito que vence o espírito do mal...
Apenas faz lembrar as tristes manhãs frias
De Novembro, a nudez das árvores esguias,

Que tem em pleno sol as gélidos aspectos,
A atitude e a expressão de enormes esqueletos.

Mas eis que de repente a mísera Lisboa
Solta um grito de horror que os ares atordoa.

Abre-se a terra e estoira em convulsões estranhas,
E ao percorrer a morte o dorso das montanhas,
Asfixia-se envolta em nuvens de poeira,
Num torvo mar de entulho, uma cidade inteira!
Palácios colossais, templos e monumentos
Sentindo-se abalar nos próprios fundamentos,
Chocam-se e vão cair em rude cataclismo
Na imensa confusão desse medonho abismo!
As vítimas, que horror! sepultam-se aos milhares;
Crepes de fumo e pó vestem de luto os ares;
Saem monstros de fogo, alvoroçando as crinas,
Dos negros boqueirões abertos nas ruínas;
Soluçam pelo ar queixas despedaçadas,
Fundos gritos de dor, satânicas risadas,
As súplicas da fé e as pragas da loucura.
Perturba-se a consciência. O coração procura,
Alucinado e aflito, o peito em que pulsava,
Nos eflúvios do amor, o coração que amava,
E encontra-o afinal submerso nos monturos
Ou desfeito de encontro aos destroçados muros!
Hecatombe infernal! Tragédia horripilante
Que em febre exaltaria o cérebro do Dante,

E seria capaz de humanizar as feras,
De lágrimas banhando os olhos das panteras!

E o mar! o mar! Erguendo os vagalhões numa ânsia
De extermínio, a rugir, lançava-os a distância
De encontro ao cais, galgando as pavorosas brumas
E, amortalhando a terra em um lençol de espumas,
Parece arremessá-la em roucos paroxismos,
Fervilhando de raiva, às guelas dos abismos!

Mas outro mar convulso, indómito, inclemente,
Rompe os diques e sai vertiginosamente
Dos cárceres sem ar, das húmidas prisões...
São a vasa do crime, as chusmas de ladrões
Sem fé nem religião, as hordas desbragadas
De assassinos cruéis, consciências apagadas,
Odientos canibais que a podridão consome;
Vão-se vingar do frio e escarnecer da fome.
E a sociedade, a mãe que os enjeitava dantes,
Vai vê-los, ao clarão das chamas triunfantes,
Roubando, profanando os corpos das donzelas,
Desmaiados e nus, nas sombras das vielas,
Fazendo-as acabar depois às punhaladas
Entre um coro infernal de torpes gargalhadas!

Mas sobre as convulsões dessa montanha ardente
Ergue-se olhando a morte, imperturbàvelmente,

Um vulto majestoso. A altiva placidez
Do seu profundo olhar recorda-nos Moisés
Nas sarças do Sinai!
Ao ver entre as ruínas
Passar o génio mau das explosões divinas,
Soltos à tempestate a túnica e os cabelos,
Despedindo a fremir os raios e os flagelos
Que a morte fabricou nas forjas dos gigantes,
E agitando no espaço as asas gotejantes
De lágrimas e sangue, o vulto heróico pensa
Que se executa enfim a bárbara sentença
Do tribunal que julga os crimes das nações...
E hão-de morrer assim as ricas tradições
Do velho Portugal, tão nobre e desgraçado?
São pois uma quimera as glórias do passado
E a fama singular que o mundo inteiro admira?
É um sonho o Brasil e a índia uma mentira?

Mas é tarde talvez. Já não se regenera
Uma triste nação que o crime dilacera,
Que o fanatismo vence e a natureza esmaga!
Nesta hecatombe imensa, horrível e pressaga,
Não se extingue a cratera em que estrebucha e arde
O cadáver dum povo!
— «Ainda não é tarde!» —
Gritou dentre o estertor dos broncos escarcéus
Uma voz semelhante à cólera dum Deus.
— «Ainda não é tarde...
Os povos condenados

São aqueles que vão, nas trevas, desvairados,
Dar a beber aos reis o sangue dos vassalos...
Mas a justiça então, antes de condená-los,
Pergunta-lhes se acaso existe algum precito
Que junte a força ao génio e que levante um grito,
Um protesto solene, audaz, intransigente,
Que obrigue a circular nas veias novamente
O sangue da nação, que em lágrimas escorre...

Se esse protesto se ergue, essa nação não morre!
Se em Portugal houver um génio destemido
Que o faça alevantar o corpo emagrecido
Do pântano em que jaz, há-de viver e há-de
À morte arrebatar a trágica cidade...
Na Religião existe uma sublime prova:
Jesus fazendo erguer o Lázaro da cova!

Lisboa não será como as cidades mortas,
Memphys, Tyro, Cartago e Thebas das cem portas,
Que exibem tristemente, alvas e descarnadas,
Nas penumbras da História as lívidas ossadas!

Mas esse homem de génio, altivo e omnipotente,
Necessita de ser um colosso e um crente.
Se acaso para dar um formidando exemplo
Tiver de apear um deus ou arrasar um templo,
Não deve estremecer nem vacilar, senão

A espada da vingança há-de cortar-lhe a mão,
E tudo volverá aos pântanos da morte!
Despótico, cruel, intransigente e forte,
Embora o coração lhe sangre entre os abrolhos,
Que lhe não veja alguém brilhar à flor dos olhos
Lágrimas de piedade... o bronze de que é feito
Deve-lhe endurecer o coração no peito.
Vencerá, se tiver um cérebro possante,
As entranhas dum tigre e a força dum gigante!
Mas depois, quando houver cumprido o seu dever,
E a pátria viva e sã entre as nações se erguer,
O génio vencedor em paga de tudo isto
Há-de ter por mortalha a túnica do Cristo,
E, prestes a exalar o último gemido,
Será amaldiçoado, apedrejado, arguido
De assassino e ladrão, de infame e de falsário...
Todo o génio sublime expira num calvário.»

Tranquilo, o vulto heróico apenas respondeu:
«Portugal viverá!...
Esse homem serei eu!»

V

Esse homem foi Pombal!
Traçou o enorme plano
E foi justo e cruel e grande e desumano...

Com o pulso de bronze e a intensa claridade
Dum génio prodigioso ergueu uma cidade;
Mas redobrando o esforço e a intrepidez, então
Fez muito mais ainda — ergueu uma nação!
Tratou pois de esmagar uma influência mista:
O palácio dos reis era guardado à vista
Por dois monstros nos quais o seu olhar descobre
Dois cancros sociais: — era o jesuíta e o nobre!
Se alguém se aproximava, os dois altivamente
Gritavam: — «Quem vem lá? — Se era fidalgo ou crente,
Podia entrar; não sendo, os dois num tom amargo
Rugiam praguejando: — «Então passe de largo!»
A realeza dormia entre esses dois tiranos,
E essa guarda fiel durou duzentos anos!
Mas Pombal, que vê nela o seu constante espectro,
Quer libertar o povo emancipando o ceptro,
E antes que a velha guarda o surpreenda e esmague,
Numa das mãos um gládio e na outra um azorrague,
Subjuga-a, dando ao mundo um pavoroso exemplo,
E expulsando depois os vendilhões do templo!

VI

Na base do tablado, aos pés do confessor
A marquesa ajoelhou. Vergada pela dor,
Olhos postos no chão, curva a cabeça, ouvia
O que em face da morte e às portas da agonia

Deus manda que se diga...
O padre finalmente
Apresentou-lhe a cruz, e a altiva penitente,
Depois de a ter beijado, ergueu-se majestosa,
Serena e firme...

O sol, nessa manhã chuvosa,
Oculto por detrás do firmamento, havia
Conservado a manhã soturnamente fria.
Alinhava-se em torno ao fúnebre tablado
Um troço de dragões. O povo aglomerado
No largo de Belém, ruidosamente, espera
Que o carrasco lhe mostre a sanguinária fera
Que quis matar el-rei...

No entanto com presteza
Vai subindo os degraus a pálida marquesa;
Nem se contrai sequer à beira do suplício
A linha escultural do seu perfil patrício.
No aprumo e distinção duma infeliz rainha,
Alta, nervosa e seca, a vítima caminha
Entre o carrasco e o padre.

A multidão ao vê-la
Solta um grito de horror que a convulsiona e gela.
O mar de encontro ao cais as ondas despedaça,
Como que lamentando a fúnebre desgraça...

Entre as vergas das naus, entoa o vento norte
Responsos de agonia e cânticos de morte;
E em frente, como um sonho, através do nevoeiro.
Recorta-se no espaço o lúgubre mosteiro...
A fidalga ouviu ler a aspérrima sentença,
E as lágrimas de fel, que há muito lhe condensa
A indómita altivez dentro do coração,
Rebentam-lhe afinal numa forte explosão...
É porque a extrema luz do seu olhar dorido
Anteviu, no suplício, os filhos e o marido;
E, ó séculos de dor sofridos num momento!
Na tragédia sem par desse infernal tormento,
Ouvia-lhes o horror dos gritos aflitivos
Sob um maço de ferro a esmigalhá-los vivos!

Compadecido o algoz, fê-la morrer depressa:
Decepou-lhe dum golpe a lívida cabeça,
Que espadanando sangue ele depois ergueu
No seu braço trigueiro, horrível e plebeu!

Ao contemplar de longe essa tragédia escura,
Vendo ao fundo do quadro a atlética figura
Do marquês, a sorrir, de fronte emoldurada
Nos revoltos anéis da cabeleira empoada,
Eu, que sou homem de hoje e que protesto, em nome
Dessa raça infeliz que a escravidão consome,
Contra a morte brutal, sarcástica e violenta,
De que a vingança vive e o ódio se alimenta;

Eu, que tremo se escuto os corações aflitos
Que na noite da História, em súplicas e gritos,
Dos cárceres sem luz pedem por compaixão
A Deus a liberdade e ao déspota o perdão;
Pensei, ao contemplar o quadro desumano,
Que o herói adormecera à sombra do tirano...
E depois de escrever a execução funesta
Quebrei a minha pena imaculada e honesta!

Mas então subjugou-me um sentimento falso.

Olhando novamente o negro cadafalso,
Já não vi a colear nas garras da agonia
Uma triste mulher ensanguentada e fria...
Vi o monstro orgulhoso, excêntrico e devasso,
Que tanto tempo andou de sentinela ao paço,
Corrompendo a justiça, atraiçoando o rei,
Prostituindo a honra, amordaçando a lei;
Vi uma classe, um erro, um dique, uma barreira,
Desabando ao clarão da trémula fogueira;
Vi o povo liberto, a nobreza abatida;
Vi desse cadafalso aos páramos da vida
Levantar-se um país independente e forte,
Que um génio colossal arrebatou à morte!

Se a razão me não mente e a vista não me ilude,
O que julgara um crime é, pois, uma virtude.

Foi salutar a pena e o exemplo foi profundo:
Também num cadafalso el-rei D. João II
Mandou executar o duque de Bragança;
A nobreza lutou, sedenta de vingança,
Mas nessa luta, el-rei humilhou-a e venceu,
Cravando o seu punhal no duque de Viseu.

E também Richelieu, o austero cardeal,
Que foi como estadista o seu mais alto ideal,
Atacou a nobreza e subjugou no ataque
Bassompierre, Orleães, Bouillon e Marillac!
Nessa luta cruel de raiva e de vingança,
Richelieu foi brutal, mas libertou a França.

Aplaudo-te, portanto, a heróica intrepidez...
Que a História te abençoe...
Fizeste bem, marquês!

VII

Essa árvore fatal que as almas apavora,
Tinha escondido à terra as púrpuras da aurora
E os fulgores do sol, que há muito não lhe entrava
Por entre a escuridão da ramaria brava...
Passavam-lhe por cima os broncos temporais

Agitando na treva as asas glaciais.
Em baixo o coração e o espírito vivia
Numa noite sem fim, caliginosa e fria,
Que apagando a razão gelava o sentimento.
Nem uma nesga azul do velho firmamento
Nos falava do céu! As aves palpitantes
Fugiam-lhe a tremer das pernadas gigantes;
Nunca se ouvia ali o filamento cheio,
Amoroso e subtil, dum lúcido gorjeio!
As flores infernais dessa árvore daninha
Eram da cor do sangue, e o seu perfume tinha
Um veneno mortal, fascinador e brando,
Que ia covardemente as gerações mirrando!

Era o roble senil do negro jesuitismo,
Que Pombal arrasou e despenhou no abismo.
Mas foi preciso ter o raio fulminante,
Ciclópico e feroz, dum Júpiter Tonante
E a força colossal dum Hércules irado,
Para arrancar-lhe à terra o tronco enraizado!

Quando o roble caiu, dissipou-se a tristeza,
Fez-se de novo a luz, e na alma portuguesa,
Desfeitas da ignorância as névoas e os horrores,
Rompeu a Primavera em cânticos e flores!
A agricultura, a arte, as indústrias e a ciência,
Sacudindo o torpor da estranha sonolência,
Refundiram-se então nos moldes do progresso.

E viu-se das nações ao esplêndido congresso
Portugal assistir, numa atitude ousada,
Com o ceptro na mão e a fronte alevantada!

VIII

Cristo! Quando ao morrer no teu Calvário ouvias
Carpir os temporais, chorar as ventanias
No dorso e nos pulmões das rústicas escarpas,
E na torva amplidão os bandolins e as harpas
Dos anjos que sorrindo em torno à tua cruz
Esmaltavam no escuro um resplendor de luz;
Quando, ó mártir do amor, a sórdida vingança
No peito te cravou o ferro duma lança,
E tu ergueste ao céu, de lágrimas banhados,
Repletos de amargura os olhos resignados;
Quando, num desespero horrìvelmente humano,
Profundo como a noite e amargo como o oceano,
Tua mãe se abraçava ao lenho solitário,
Envolvendo-te os pés nas dobras do sudário;
Se alguém, ao escutar-te a derradeira prece,
Moribundo Jesus, nessa hora te dissesse:

— «É inútil, Senhor, o teu martírio atroz;
A luz do teu olhar, o som da tua voz,
O teu amor, o exemplo, a abnegação completa,

A inspiração dum Deus na alma dum profeta,
E a austera placidez da tua vida obscura,
Tudo isso há-de baixar contigo à sepultura;
Tu serás esquecido, e as tábuas do Evangelho
Hão-de quebrar-se assim como se quebra o espelho
Que a imagem reproduz dum ser idolatrado;
O teu sangue será mais tarde envenenado,
— O sangue que o teu corpo em borbotões derrama —
E o teu nome, Jesus, há-de escrever-se em lama;
A misteriosa mão que os cultos apedreja
Fará cair por terra o altar da tua Igreja,
Construindo sobre ele um outro em que afinal
A humanidade adore o espírito do mal...

Triste sonho apagado esse teu sonho, ó Cristo!»

Se nessa longa noite alguém te dissesse isto,
Mostrava-te o futuro, ó grande visionário,
E tu, frio e convulso, às penhas do Calvário
Pedirias a paz dum jazigo profundo,
Que o corpo te escondesse aos olhos deste mundo...
E morto, nunca mais ressurgirias, não!

O jesuíta nasceu da tua religião
Como o incêndio da luz, como o crime do amor,
E extinguiu-a depois num sopro abrasador,
E apunhalou-lhe a fé e envenou-lhe a crença.

Havia dum ao outro uma distância imensa:
Tu eras o perdão; ele a tortura austera;
Tu a virtude, o bem e a liberdade; ele era
A ignorância, o erro, a morte, o despotismo...
Cavava-se entre os dois um tenebroso abismo!
Ninguém os poderia aproximar jamais;
Não fazem liga o ferro e os límpidos cristais!
O homem, que a tua mão dos pântanos ergueu
Às tranquilas regiões puríssimas do céu,
Educando-o no amor alevantado e puro,
E acendendo-lhe o ideal nas brumas do futuro.
Esse homem foi por ele escravizado e opresso;
Enregelou-lhe na alma a seiva do progresso,
Fez-lhe parar o sangue e reduziu-o enfim
Às cegas condições dum triste manequim,
Movendo-se ao sabor duma vontade alheia,
Que o humilha, que o tortura e à morte o sentenceia.

Usava do teu nome o pérfido assassino
E cumpria com ele o seu feroz destino!
Abriam-se ao ouvi-lo as pétalas dormentes
Do amor e do perdão nas almas inocentes,
Cheias daquela fé grandiosa e primitiva,
De tais abnegações, tão íntima e tão viva,
Que desde a catacumba ao vasto Coliseu
O sangue dos heróis e mártires verteu,
Sangue que foi enchendo o escancarado abismo
Que o cadáver tragou do velho paganismo.
Por isso é que o jesuíta, em destemida sanha,

Submeteu Portugal, a Itália, a França, a Espanha,
Escravizou os reis, os papas e as nações,
Os povos chicoteou no fundo dos sertões,
Escarneceu da lei, da honra e do direito.
Para fazer sentir junto de cada peito
A lâmina subtil do seu punhal ervado,
Capaz de o trespassar de um lado ao outro lado.

O homem que esmagou o jesuitismo foi,
Além dum génio altivo, um denodado herói.

IX

Batia a escuridão, rugindo nessa noite
Em ameaças de morte, o desgrenhado açoite
Das rajadas do sul, cujo sopro violento
Parece que enxugara ao velho firmamento
As lágrimas de luz. Noite assombrosa aquela!
Não brotava sequer a vida duma estrela
No céu profundo e morto!...
O brigue, a todo o pano,
Cortava silencioso os vagalhões do oceano.
Apagaram-se em roda os largos horizontes
Como se o firmamento, os píncaros dos montes,
As árvores, o mar, as rochas atrevidas,
As cidades da terra e as húmidas guaridas

Onde crescem no escuro as algas e os corais,
E nuvens e vulcões e homens e animais,
A vida, a forma, a cor de toda a natureza,
No desespero atroz duma íntima tristeza,
Se houvessem no borrão dum caos dissolvido!

O jesuíta escutava o trágico bramido
Daquela imensidade... A consciência inquieta
Fazia-o estremecer nas pregas da roupeta.
No tombadilho, em pé, com os braços cruzados,
Erguia tristemente os olhos encovados,
Procurando debalde o seu ardente olhar
Onde se arqueava o céu e se estendia o mar...
Que a barreira sem fim dos densos escarcéus
Escondia-lhe tudo: — a natureza e Deus!

Fora esse o grande mal da sua vida inteira:
Sempre a falta de luz, a estúpida cegueira,
Que o não deixara ver no espelho da razão
A face espiritual da sua religião,
E o arrastava por fim aos pântanos do olvido
Sem moral e sem fé, odiado e escarnecido,
Enjeitado do amor, banido pela ciência!

Escorriam-lhe em sangue as chagas da consciência,
Batia-o rudemente o açoite do destino...
Chamavam-lhe ladrão, chamavam-lhe assassino,

E ele, que dominara os séculos passados,
Os mais soberbos reis e os povos mais ousados;
Que tivera a seus pés as rainhas altivas,
Os ministros servis e as cortesãs lascivas;
Ele, o gigante, o rei, que os tronos derribara,
Que tivera entre as mãos a púrpura e a tiara,
Repleto o coração das mágoas mais sombrias,
Crivado de irrisões, coberto de ironias,
Obrigado a partir, bàrbaramente expulso
Sobre as ondas do mar a rebramir convulso,
Caminhava à mercê dos caprichosos ventos
Sem ver onde o rancor dos temporais violentos
O iria arremessar!

E o lívido jesuíta
Debalde interrogava a escuridão maldita,
Como se o próprio Deus pelo universo inteiro
Com ímpeto corresse o negro reposteiro
Da sua indignação!...
Levados pelos ventos
Via passar na treva os vultos macilentos
Dos grandes corifeus da ordem: Belarmino,
O sábio precursor do seu feroz destino,
Aos povos ensinando a interpretar nas leis
O modo mais legal de assassinar os reis.
Via passar também, cheio de fundo horror,
Aquaviva e Auger, Nithard o inquisidor,
Salmeron e Laynez, o lúgubre Geral,
E ouvia a doutrinar nas sombras do Escurial,

Ante os olhos febris dum príncipe, Mariana,
O regicídio impondo à consciência humana,
Fazendo-a abençoar, num fanatismo ardente,
A mão de Ravaillac e o punhal de Clemente.

Surgiam-lhe depois num turbilhão fantástico
Pascal, erguendo altivo o seu perfil sarcástico,
Voltaire e Diderot e Holbach, os três maiores
Dessa raça cruel de livres pensadores
Que há muito retalhava em golpes execrandos
O velho coração dos cultos venerandos!

E o jesuíta, a tremer de raiva e desespero,
Via a vingança a rir na boca de Lutero
E Santo Inácio ao largo olhando-o carrancudo!

O brigue ia avançando, imperturbável, mudo!

Nessa noite Pombal, com um denodo estóico,
Fez um protesto firme, um juramento heróico:
Moveria ao jesuíta a excomunhão e a guerra
Sem tréguas, nem piedade.
Aos términos da terra
Sendo preciso iria a sua mão potente,
Com força e indignação dum ódio intransigente,
Exterminar de vez o torpe missionário.

Levantaria a cruz no alto do Calvário
Derribada por ele: ao mundo contaria
A sua larga história, horrível e sombria,
As suas ambições, cujo sopro violento
Nas almas apagara a luz do pensamento,
Os crimes, as traições do seu poder secreto,
Da sua vida esconsa o tenebroso aspecto;
Ao dragão cortaria as garras aguçadas
Com que rasgara o peito às gerações passadas,
E iria finalmente ao próprio Vaticano,
Para fazer sair do foco ultramontano
O raio que no mundo inteiro o aniquilasse...
E depois de atingir o grande desenlace
Poderia dormir, poderia morrer!

Morreu, ressuscitou! Cem anos são passados;
No altar que a pátria ergueu aos génios consagrados
É hoje a festa dele! Apagam-se os rancores!
O povo enche esse altar de palmas e de flores,
E corre a ver passar nas ruas da cidade
O déspota a sorrir no andor da liberdade.

A LENDA DO JESUITISMO

A LENDA DO JESUITISMO

Viu a luz na Biscaia em tempos afastados,
No castelo feudal dos seus antepassados.
Armaram-no depois fidalgo e cavaleiro,
E, como era garboso, audaz e aventureiro,
Nos torneios do amor, pugnando, se revela
Um vencedor, um bravo às damas de Castela.
Porque adora a riqueza e as glórias ambiciona,
Luta como um leão no cerco de Pamplona,
Donde o levam depois, ferido entre os soldados,
Ao castelo feudal dos seus antepassados.
Transformam-se-lhe então as ambições guerreiras;
Deslumbram-lhe a cabeça as glórias e as canseiras
Dos mártires da fé, dos grandes penitentes
Que venceram do inferno as hostes inclementes...
E enche-lhe toda a alma um fervoroso encanto:
Sofrer, penitenciar-se e ser na terra um santo!

Viu descer uma noite a Virgem das alturas;
Faiscavam-lhe em roda as finas bordaduras

Do seu manto de seda... As madeixas doiradas
Cingiam-lhe do rosto as tintas delicadas;
Nos olhos tinha a paz do azul indefinido,
Nos lábios o perdão, e ao longo do vestido,
Alvo como os jasmins, um trémulo rosário
Das lágrimas de dor choradas no Calvário.

Ela disse-lhe então: «Oh meu amado, vem!
Sou a mãe de Jesus, serei a tua mãe!»
O Jesuíta partiu ao despontar da aurora:
Abandonou da Espanha a corte que o namora,
Deixou riquezas, nome, e descalço, e mendigo,
Disse o último adeus ao seu castelo antigo...

Andou, andou, andou, sem destino, sem norte.
Nesse místico anseio irá de encontro à morte?
Não sabe... Apenas vê, durante essa romagem,
Da santa mãe de Deus a resignada imagem,
Que o arrasta, que o seduz e brandamente o impele
A andar, fitando sempre o olhar azul no dele!

Pára junto do altar da Virgem de Manreza;
Sente o travo, o amargor duma íntima tristeza,
E treme, porque o mal que o coração lhe invade
É a recordação da sua mocidade:
Do tempo em que cedia às rubras tentações
Nos torneios, no amor, na guerra, nos salões!

E tranzido de horror, pobre alma atribulada,
Deixa ficar no templo o capacete e a espada.
Tão grande pecador só pode achar repouso,
Ao serviço de Deus, num ermo silencioso,
Suplicando o rigor das punições eternas,
Em rezas e jejuns, no fundo das cavernas.

O asceta encarna então no corpo do Jesuíta;
Tortura doidamente essa carne maldita
Na qual Satã cravou, por noites luxuriosas,
Os dentes sensuais e as unhas venenosas;
Vão por isso aumentando as penas e os suplícios;
Passam da corda ao ferro os bárbaros cilícios;
E assim purificado, em êxtases, subindo
Numa réstea de sol por esse espaço infindo,
Emergia, a sorrir, da noite transitória
Aos triunfos da luz, aos páramos da glória!

Atravessava à tarde os campos e os povoados,
Sujo, descalço, roto, os lábios desbotados,
Febricitante o olhar, incultos os cabelos,
E ia pedir esmola à porta dos castelos...
Quando o viam passar nas ruas e nas praças,
Fantasma portador de pestes e desgraças,
Fugiam a tremer as crianças e as mães,
E ladravam-lhe atrás raivosamente os cães!
Na solidão, na paz dos montes colossais,
Devoram-no de sede os místicos ideais;

Quando sobe às regiões dos píncaros erguidos,
Arrasta-se no chão em queixas e gemidos
Porque lhe foge o céu, e apaga-se a miragem
À sua crença viva, ao seu amor selvagem!
Precisa de dormir e descansar: mas onde?
Que piedoso lugar aos olhos se lhe esconde?
Que tranquilo país, que terra abençoada
Existe, em que a sua alma, ardente e mergulhada
Numa noite sem fim, veja romper a aurora
Em cujo orvalho apague o fogo que a devora?

Talvez Jerusalém! Talvez a Palestina.

Um dia parte e segue a ideia que o fascina,
Olhos postos no céu, caminha sem cessar;
Intrépido atravessa as solidões do mar,
Impelido ao sabor das gélidas nortadas
Cujo sopro lhe cresta as faces maceradas;
E, se as batalhas vence às hórridas procelas,
A Deus cabe sòmente a glória de vencê-las.
Pois maior do que o mar, mais forte do que os ventos,
O arrasta aquela fé que vence os elementos,
Que os diques rompe e vai pelos espaços fora,
Dos cárceres da treva às explosões da aurora,
Imperturbável, cega, alucinada e forte,
Na tangente subtil que passa pela morte,
Direita ao seu ideal, submissa ao seu destino...
O Jesuíta procura esse lugar divino,

O sepulcro onde sinta o sonhado conforto
De ver e de beijar o próprio Cristo morto,
De ouvir distintamente, em êxtase submerso,
O choro do Calvário, as queixas do universo
E, pêndula a bater na noite tormentosa,
O aflito coração da Mater dolorosa!

Chega a Jerusalém; treme de medo e frio
Ao contemplar de perto o túmulo vazio;
Invade-o a sugestão da velha eternidade,
No gelo e na mudez daquela soledade!
Morrer ali, também, nesse deserto, aonde
Um eco misterioso à sua voz responde,
E evolar-se depois, assim como Jesus,
Do santo Djebel-Tor aos páramos da luz...
Que ideal, que aspiração, que sede abrasadora!
Numa turva manhã, vinha rompendo a aurora;
Jerusalém dormia envolta nas neblinas;
Erguiam-se-lhe em roda espectros de ruínas,
Dentaduras murais e leques de palmeiras,
E ao largo, calvejando, os crânios das cumeeiras.
Repassava-se o ar dum bíblico repouso.
Iam cortando o areal monótono e calmoso,
Peregrinos cristãos e tribos mauritanas,
No triste desfilar das lentas caravanas...

Junto ao Santo Sepulcro, em sonhos embebido,
Sangrando-lhe de mágoa o coração partido,

Orara toda a noite o asceta aventureiro.
Tinha em frente Jesus pregado num madeiro,
Triste, dessa tristeza eternamente escura,
Que é como a projecção da própria sepultura...
Falou-lhe; mas Jesus, imóvel, frio, morto,
Não respondeu. Depois, num grande desconforto,
Pediu-lhe que o matasse aos pés daquela cruz...
Moveu-se então no lenho o corpo de Jesus!
Ergueu o rosto, abriu as pálpebras pisadas,
E fitando-o ao clarão das lâmpadas sagradas,
Num gesto singular duma energia estranha,
O seu braço estendeu mostrando-lhe a Alemanha!

Esse gesto rasgou-lhe os crepes do mistério;
A noite fez-se dia; olhou o espaço etéreo
Inundado de luz e ergueu-se triunfante.
Oh sagrada missão que o céu naquele instante
Impõe à sua crença!
A Igreja, que se abisma
Nesse mar a ferver de excomunhões — o cisma —,
Necessita de alguém que a salve e purifique.
À revolta oporá uma barreira, um dique,
Que a obrigue a estacar; e a sua mão de ferro
Há-de esmagar de vez o sacrilégio e o erro
Que inflama os corações das seitas sublevadas...

Julgou ouvir então o oceano das cruzadas,
Tràgicamente erguendo as ondas sanguinárias,
A rebramir além nas plagas solitárias...

E, como quem descobre um íntimo segredo,
Parece-lhe escutar o ardente Godofredo,
Que à conquista da cruz a humanidade incita;
Ao longe, muito ao longe, a voz de Pedro o Eremita,
Os povos arrastando em chusma, de roldão,
Aos báratros da morte; e na larga extensão
Das lutas pela fé, aos outros sobranceiro,
Vê S. Luís, rei de França, após o cativeiro,
Correr a Palestina, entre povos revéis,
A congraçar cristãos e a converter infiéis!

E o Jesuíta sentiu, em frémitos, a glória
Fazendo retinir os hinos da vitória
E as hosanas do amor nas vibrações do espaço!

Seguiria outro rumo. A luta braço a braço,
Peito a peito, no campo, encarniçada e cega,
Rasgando a carne em flor nos ódios da refrega
E derramando o sangue em borbotões caudais,
Tinha a férrea expressão dos tempos medievais,
Cujo valor guerreiro e indómita fereza
Era o épico ideal da força e da beleza.
Seguiria outro rumo: a ideia, o pensamento!
E assim como a corrente eléctrica do vento
Leva o pólen, a vida, às plagas mais distantes,
A palavra também, em fúlgidos cambiantes,
A fé transportaria ao fundo dos sertões,
Onde o erro se alastra, enchendo os corações

Das castas virginais!
O pensamento! a ideia!
As armas que Jesus forjara na Judeia,
Armas com que depois, em golpes sobre-humanos,
Conseguiu derrotar os Césares romanos!

Mas, ao ver-se isolado, o Jesuíta, ignorante,
Novamente caiu por terra, suplicante,
Chorando aos pés da cruz:
— «Não é possível, não!
Senhor, sinto-me velho e desvalido...» Então
A voz rompeu enfim dos sacrossantos lábios:
—«Parte! Serás no mundo um sábio entre os mais sábios.»

Partiu, levando na alma o seu segredo oculto.
E ele, o guerreiro, o asceta, o peregrino, o adulto,
À força de trabalho e de ambição crescente,
Entre as crianças foi sentar-se humildemente
Nas aulas de latim. Como era coxo e triste
Desafiava a troça, o epigrama, o chiste;
Tinha uma alcunha: o «Bruxo», e quando não sabia
As teimosas lições, é fama que pedia
Ao seu mestre Arkebale a insólita fineza
De o castigar também...
A convicta firmeza
Com que andava a pregar uma doutrina estranha,
Obrigou-o a fugir, a abandonar a Espanha.

Paris, o grande centro, o coração do mundo,
Atraía de longe o heróico vagabundo;
A fé, que é uma força indómita, protege-o.
Três anos passa ali submisso, num colégio
A estudar, a aprender e a organizar o plano
Com que torne eficaz esse trabalho insano,
Essa ambição febril de unificar um dia
As religiões do norte e as crenças do meio-dia.
O oriente e o ocidente, o mundo novo e o velho,
Sob um vértice — a Cruz, e um código — o Evangelho!
Vai portanto alistar o exército, que seja
Capaz de harmonizar as dissensões da Igreja.
Quer soldados fiéis, impávidos, estrénuos;
Por isso atrai, fascina os tristes e os ingénuos;
Fala, e a sua voz tem um poder secreto,
Uma doçura tal, e o seu dorido aspecto
Uma tal sedução, que basta vê-lo e ouvi-lo
Para se encher de paz o coração tranquilo,
E abrir-se na consciência, assim como uma flor,
Um clarão de justiça e um sorriso de amor!

Numa noite subiu a íngreme ladeira
De Montmartre, o Jesuíta... A lua, sobranceira,
Bordava no caminho as formas ondulantes
Dos plátanos senis; os píncaros distantes,
À baça luz do luar, tornavam-se disformes.
Faziam conceber pirâmides enormes,
Que guardassem no ventre as cinzas apagadas
De altivos Faraós... Nuvens despedaçadas,

Véus que envolvem de leve os zéfiros ocultos,
Esboçavam no azul confusamente os vultos,
Os corpos e os perfis de esfinge singulares,
Vogando na corrente olímpica dos ares!

Noite cerrada. Ao pé do vasto cemitério,
Como as hirtas ficções dum sonho ou dum mistério,
Erguiam-se na sombra os sete companheiros,
Os soldados leais e fortes, os primeiros
Dessa grande milícia intrépida, que um dia,
Vampiro colossal, o sangue beberia,
Sem tréguas nem pudor, à velha humanidade!

Em baixo repousava a lúbrica cidade
De Francisco I; e o pródigo monarca,
Que sabia de cor as rimas de Petrarca,
E odiava Carlos V, o seu rival bilioso. —
Dormia, águia real, no leito voluptuoso
De Ana de Pisseleu.
Por entre o firmamento
Rompiam os clarões duma manhã serena...
Ao longe serpejava alegremente o Sena,
Apertando Paris como uma gargantilha
De diamantes reais... As torres da Bastilha
Faziam meditar na sua história infame!
Vincennes, Santo Eustáquio, o Louvre e Notre-Dame,
— Os jactos colossais da velha arquitectura —
Destacavam no espaço a forma, a contextura
Dos soberbos torreões — imóveis dromedários

Em êxtases de pedra! Ouvem-se os campanários
Soltando na amplidão queixas despedaçadas
Das gargantas de bronze... As ruas e as estradas,
Em curvas desiguais, fazem lembrar serpentes
Coleando através das árvores dormentes.

Ergue-se dentre o grupo, extático, o Jesuíta,
A viva inquietação que o espírito lhe agita
Faz-lhe tremer a voz e os olhos lhe mareja
De lágrimas...
— «É triste a situação da Igreja,
Disse ele —, a grande nau soçobra e vai a pique...
É preciso que alguém, irmãos, se sacrifique.
Jesus também por nós morreu crucificado...
O oceano cresce, cresce! Ouço de cada lado
A revolta a bramir, contaminando o clero.
Em Worms surge e prega o ríspido Lutero,
Que ante o povo exaltado e em face dos monarcas
Jura a Reforma, impune!...
Ardentes heresiarcas
Chamam por toda a parte as povoações à luta;
Juntam à voz que arrasta o braço que executa:
Zwingle, o republicano, o espírito revel.
Morre como um herói nos campos de Capel,
Depois de ter cuspido em maldições, no Reno,
Em Zurique e em Berna, o herético veneno
Cujo efeito é mortal; em fúrias de assassino,
Melanchton, Carlostadt e Munzer e Calvino
Comprimem doidamente o peito das nações...

Têm o ódio do diabo e as garras dos leões!
João de Leyde, o histrião, alma perversa e bruna,
Vence em Munster Waldeck, organiza a comuna
E intitula-se rei!
Fanáticas e egoístas,
O inferno faz surgir legiões de anabaptistas,
Que combatem na treva; em versos insolentes,
Verberam-nos o rosto as sátiras mordentes
De Hutten, o alucinado. Enfim, do sul ao norte,
Nas searas do Senhor passa um vento de morte,
E o universo estremece aos gritos da revolta.
Cuja negra bandeira, aos quatro ventos solta,
Nós vemos tremular nas profanadas ruínas
Das catedrais da Escócia!
Em fogo agita as crinas
A besta colossal dum novo Apocalipse,
Que prognostica ao mundo a derrocada, o eclipse
Da Igreja Universal, Católica, Romana.
Pois bem: nesta batalha impenitente e insana
Precisamos de entrar, amigos, com firmeza,
Com plano e com valor. No entanto, a nossa empresa
Vai mais longe: procura a conversão das massas
Que formam nos sertões as primitivas raças
De selvagens e infiéis. Vamos heròicamente
Ensinar o Evangelho, erguer a Cruz no Oriente,
Fazer jorrar a fé nas almas pervertidas,
E, se preciso for, dar mesmo as próprias vidas
No arrojo, no fervor da crença forte e austera,
Que as almas varonis em Deus nos retempera,
Em Deus, que aceita e inspira a nossa vassalagem!»

Ao longe ergue-se o sol. Fragmentos de paisagem
Inundam-se de luz, assim como um bordado
De matizes de seda em brocatel dourado.
Ri-se expansivamente em volta a natureza;
O vento adormeceu; na infinita pureza
Do firmamento azul passam de quando em quando,
Vibrantes de alegria, os pássaros cantando;
Nas árvores cintila o orvalho da manhã...
Os sete generais da milícia cristã,
Cheios de crença viva e de ânimo robusto,
Apertaram-se as mãos num juramento augusto.
O mais velho, porém, dos sete, levantou-se
Entre o grupo ajoelhado; o olhar sereno e doce
Encheu-se de piedade; e o seu braço estendido
Fez o sinal da cruz num gesto comovido!
Mais tarde entrou em Roma. A nova catequese
Deslumbra a Santa Sé; e Alexandre Farnese,
Que sente dia a dia o escuro precipício
Cavando-se em redor do trono pontifício,
Reforça-a de isenções, enche-a de privilégios,
E manda-a combater os duros sacrilégios,
Insultos e má fé com que a Reforma ignara
Pretende macular a limpidez da tiara.

O Jesuíta venceu resistências e obstáculos!
A sua mão dirige os ceptros e os báculos.
E arrastam-se-lhe aos pés as multidões absortas!
Faz-se à vela no oceano, e o Oriente abre-lhe as portas.
Leva um ideal, — a índia. Entra no Malabar...

E ao seu sorriso ingénuo, à paz do seu olhar,
À simpatia e unção do seu divino aspecto,
Ao seu exemplo vivo, imaculado e recto,
E à modéstia cristã com que caminha e fala
Dum Deus cuja doutrina o rico ao pobre iguala,
Abrem-se vivamente os corações dos párias,
Sedentos nos areais das praias solitárias,
E embebe-se de luz e gozos inefáveis
O espírito infeliz das castas miseráveis!
Ali, sob o dossel dos robles seculares,
No silêncio, na paz dos rústicos palmares,
Ou flutuando à flor dos lagos transparentes,
Como Cristo, fascina as almas inocentes,
— Almas virgens, da cor puríssima dos lírios! —
E conta-lhes então as dores, os martírios,
As lágrimas de fel dos olhos de Jesus,
E a tragédia sangrenta e bárbara da cruz!
Descreve-lhes também as alegrias mansas
Que distilavam mel nas bocas das crianças.
Quando ele percorria os campos da Judeia;
E fá-los admirar a trágica epopeia
Dessas lutas cruéis, antigas e sinceras,
Travadas ao ar livre entre os cristãos e as feras!

E o Evangelho triunfa, e aos pés da cruz erguida
Curva-se e chora e reza a índia convertida!

O Japão... o Japão!
Numa débil falua

Afronta o grande mar das índias. Não recua,
Não treme! O seu intuito e o seu ideal, dirige-os
O sopro do milagre e a vara dos prodígios!
Suportou o rigor das madrugadas frias,
Sofreu a chuva, a névoa e as mortas calmarias;
Viu ao clarão do raio as ondas eriçadas
— Grandes florestas de água!—e o choque das nortadas,
E a ânsia das marés, fazendo-as estoirar
Sem descanso, a ferver nas solidões do mar!

E a misteriosa voz que o animava, então
Gritou-lhe com mais força:
— «O Japão! o Japão!»
Partiu, e entrou por fim nas praias desabridas
Desse extremo do oriente. As raças atrevidas,
Orgulhosas e más, fizeram-no tremer...
Morreria talvez cumprindo o seu dever!

Pregou a religião, a cândida doutrina
Do Cristo; e a sua voz suave e cristalina,
Duma eloquência nova, irresistível, calma,
Fazia rebentar nos recessos da alma,
Nas urzes da consciência, em prismas multicores,
Catadupas de luz e borbotões de flores!
Seguem-no! Vão com ele as multidões nervosas
De entusiasmo e de amor... Nas cristas alterosas,
Das serras, dominando a vastidão dos mares.
O missionário ergueu a cruz sobre os altares

Da sua religião!
E apesar do Budismo,
Correram no Japão as águas do baptismo.

Sem descansar, cedendo à febre que o domina,
Embarca-se o Jesuíta em direcção à China,
A China, a sede de alma, o sonho predilecto
Da sua fantasia, e o triunfo completo
Da sua abnegação!
Mas junto ao grande império
A morte descobriu-lhe o coração, e fere-o
Quando ele palpitava em júbilos de glória!
Ao ver aproximar-se a onda transitória
Que entre as espumas leva a vida que se afasta,
Ouvia a voz de Deus que lhe gritava: — «Basta!»
Agonizava o sol, congestionando o poente.
Depois de haver descrito a sua curva ardente
Adormecia enfim na paz da natureza.
Enchia o ar sereno a lânguida tristeza
Das tardes tropicais...
Num íntimo respeito,
O apóstolo apertou o crucifixo ao peito,
Alevantou o olhar quase apagado ao céu,
Onde expirava o sol... E sorriu... e morreu!

A noite condensou-se em tenebroso luto.
O missionário vil, despótico e corrupto,
Nasceu daquela treva!

Ilhas e continentes,
Matas virgens, sertões de árvores rescendentes,
Às quais dão vida e cor, esmaltando as paisagens.
Os pássaros do oriente, em rutilas plumagens;
Todo esse mundo ideal que a fantasia embala;
As jóias de Paná, de Golconda e Bengala,
Que esmaltaram de Akbar os cofres deslumbrantes;
A força submetida ao espírito: elefantes
De pavilhões no dorso afugentando as feras;
Selvagens dando caça aos tigres e às panteras;
A opulência sem par dessas vastas regiões
Do ouro e do diamante, excita as ambições
Do terrível Jesuíta!... A fé que ele propaga
E a religião que ensina é mentirosa e aziaga;
Impugna a crença antiga. O Cristo flagelado.
Na tragédia da cruz, despreza-o, comparado
À riqueza e esplendor dos ídolos indianos;
Ama os deuses pagãos e os símbolos profanos;
Detesta da humildade as fórmulas singelas;
As ameaças da morte, a fúria das procelas,
As insónias no mar e a fome nos sertões,
Merecem o clamor das suas maldições!
Pratica no Japão a torpe malvadez
De cuspir numa cruz e de a calcar aos pés!
Exalta, simplesmente, os grandes e opulentos;
Por isso a sua mão recusa os sacramentos
Aos párias, que o rancor de tão soberbo egoísmo
Põe fora deste novo e estranho cristianismo!
Indigna-se ao sabê-lo o Papa austero e bom;
Envia a toda a pressa o cardeal Tournon,

Que foi morrer-lhe às mãos, de fome e nostalgia,
No pântano sem ar duma prisão sombria!

O missionário lança as vistas ardilosas
À América do Sul...

Nas margens pantanosas
Do ardente Paraguai alastra e consolida
A sua perversão feroz e desmedida!
É rei! Manda e castiga, impõe-se, ordena e mata.
Desde Minas Gerais ao Paraná desata
O curso venenoso, horrível e sangrento
Das suas ambições, do seu poder violento!
Dá caçadas ao índio assim como ao leão;
E oprime e domestica os guaranis, que vão
Submissos e de rojo, a alma assombrada e inquieta,
Beijar-lhe a mão nervosa e a fímbria da roupeta!
Tremem sob a chibata altiva que os aterra;
E andando todo o dia a trabalhar na terra
Vão à noite depor o mísero salário.
A tremerem de medo, aos pés do missionário!

Na Europa condensou três séculos de treva!
A sua índole má, desapiedada e seva,
Apossa-se dos reis, dos papas, dos ministros,
E algema-os!
Ao clarão dos dramas mais sinistros

Vê-se passar, ao fundo, o lúgubre Jesuíta,
Que as cabeças humilha e os corações irrita,
Espalhando a cizânia, a fraude, a intriga, o erro!
Na sua compleição há linhas de aço e ferro;
Têm venenos subtis as suas mãos esguias,
Cruzadas sobre o peito e eternamente frias!
Há no espírito dele um cálculo profundo:
Subjugar as nações, avassalar o mundo,
Embora faça ruir no mesmo precipício
As cátedras reais e o trono pontifício!
Na Espanha, em Portugal, em Nápoles, na França,
Na Áustria e na Inglaterra, o seu vigor não cansa,
Tem a força brutal das têmperas antigas;
Urde, propaga, anima as fraudes e as intrigas;
É ele quem concebe e quem promulga as leis;
Ensina as cortesãs a atraiçoar os reis;
Manda matar sem dó, manda roubar sem conto,
E traz o seu punhal sempre aguçado e pronto,
Para não lhe escapar o momento adequado,
O ensejo de o cravar num peito condenado!

Por isso sucumbiu três séculos depois,
Sem lhe cingir a fronte o loiro dos heróis,
Nem tão-pouco o esplendor dos génios consagrados.
O ódio, as reacções dos povos indignados,
E a desforra dos reis, num generoso esforço,
Expulsaram-no enfim...
Negro como um remorso,
O colosso brutal, o atlético gigante

Desfalecido, foi, submisso e agonizante,
Curvar aos pés do Papa a fronte ensanguentada...

O Papa deu-lhe então a última estocada!

Bem hajas, Ganganelli!...

JUSTIÇA DE EL-REI

I

Aguarda El-Rei no paço o lôbrego assassino.
Endurecem-lhe o olhar a cólera e a tristeza,
Absorto a meditar no trágico destino
Dessa infeliz Duquesa.

No espaçoso salão, com ricas colgaduras,
Couraças e troféus ornamentado a esmero,
Há um frio invernal e há um silêncio austero
Que gela as armaduras.

As louças do Japão dum branco transparente
Pesam sobre os tremós de finos embutidos,
Por entre castiçais com bastiões, saídos
Das mãos de Gil Vicente.

Desdobram-se em redor brocados de Florença,
As sedas e o veludo, os tafetás e a lhama,
Na qual pròdigamente a prata se derrama
E o oiro se condensa.

Nos razes de valor dos fartos reposteiros,
Com assuntos de guerra e trechos de paisagem,
Movem-se brandamente, ao perpassar de aragem,
As donas e os guerreiros.

Difunde-se o lavor do tecto apainelado
Na vaga meia-luz dessa manhã sombria;
Destaca no tapete a órbita vazia
Dum braseiro apagado.

El-Rei, pela janela aberta sobre a praça,
Vê a neve a cair nas vastas casarias,
E imóveis, através dessa atmosfera baça,
As árvores esguias.

Acode-lhe à lembrança o caso miserando
De haver caído ali, também de madrugada,
Num cadafalso erguido, a fronte decepada
do Duque D. Fernando.

«Infame, hás-de morrer como teu pai, descansa,
Já hoje irás dormir nas lajes da masmorra;
Manda Deus que também no meu reinado corra
O sangue dum Bragança!»

E D. Manuel então recorda a gentileza,
A doce mocidade, a régia fidalguia,
Que como um nimbo de oiro as graças envolvia
Dessa infeliz Duquesa.

Recorda a infância dela e a estúpida loucura
Com que ele a arremessara — enorme desacato! —
Aos braços sem vigor dum príncipe beato,
Tão criança e tão pura!

E a compaixão de El-Rei só o remorso a iguala...

... ...

Um pajem no entretanto ergueu o reposteiro,
E lívido, sereno, altivo e sobranceiro,
O Duque entrou na sala.

II

Cravando nele o olhar, disse-lhe com firmeza
El-Rei, trémula a voz de raiva mal contida:
«— Duque, trazeis de mais essa cabeça erguida,
Se a consciência vos pesa.

Quem mata uma mulher, uma criança inerme,
Se a dor ou se o remorso o coração lhe oprime,
Deve perante El-Rei dar contas do seu crime,
De rastos como um verme.

E, sendo essa mulher a esposa imaculada
Do cobarde assassino, esse homem que estremeça,
Que um rei justo não poupa a sórdida cabeça
Que deve ser cortada!»

Exprobrou-lhe em seguida o mísero abandono
Dessa triste mulher, cujo carrasco houvera
Podido transformar-lhe a alegre Primavera
Nas tristezas do Outono;

Ela, a rosa em botão, perdendo o viço e a cor,
Dum lúgubre solar nos ermos esquecida;
Que as pétalas jamais lhas aquecera em vida
Uma réstea de amor!

Sempre nas solidões desse solar antigo
A alma lhe invadira um nevoeiro espesso,
Coração juvenil, a palpitar opresso
No fundo dum jazigo!

E curvada ao rancor do monstro sanguinário,
Pura de mancha vil, mártir como Jesus,
Fora de encontro à morte, ao peso duma cruz,
Caminho dum calvário!

E o Duque, erguida a fronte, imóvel, escutava
El-Rei, em cuja voz a indignação crescia;
Era um gume de gelo a lívida ironia
Que a face lhe enrugava.

«— D. Jaime procedeu com honra? Se puder
Que o prove, — disse El-Rei: convença-me, senão,
Seja nobre ou plebeu, quem mata uma mulher
Morre como um vilão!»

O Duque então falou: «— Deixai que eu me defenda,
Senhor; tenho a consciência e a honra imaculada;
Julgai, depois de ouvir a narração magoada
Dessa tragédia horrenda.

Senhor, se uma mulher se perde e se enlameia,
Deve cair sobre ela a cólera e a vingança;
Pois bem: essa que foi Duquesa de Bragança
Traiu-me e eu matei-a.

Não amei, dizeis vós, nem fui amado; é certo.
A vida para os dois, bem sabe Vossa Alteza,
Foi um dia de Inverno; eu na minha tristeza,
Ela no seu deserto.

Passava o tempo assim monótono e sombrio,
Sofrendo do destino os ríspidos açoites;
No palácio ducal eram longas as noites
E o tálamo era frio.

Sempre ao vê-la senti a repulsão que sente
Um triste coração acorrentado, quando
A existência lhe vai a febre devorando
Dum outro amor ardente.

Amor insaciado, amor casto e divino,
Que nunca foi um mal, que nunca foi um erro,
Porque me encheu de sol as horas de desterro
Quando era pequenino;

Amor, ao qual eu quis sacrificar-me todo
— Se acaso pode o amor dizer-se um sacrifício —,
Porque, antevendo perto um negro precipício
Cheio de sangue e lodo,

Eu, Duque de Bragança e príncipe de raça,
Dizendo adeus à pátria, às riquezas, ao mundo,
Fugi, pedindo a Deus um cárcere profundo
Para a minha desgraça!

Fugi, fui-me a seguir pelos caminhos fora,
Olhos postos na fé que os temporais acalma,
Às mudas solidões em cuja paz a alma,
A paz eterna implora,

E onde um neto de reis, que foge e se desterra,
Aspira ao exalar o alento derradeiro,
A uma honra final: sete palmos de terra
No claustro dum mosteiro!

Vossa Alteza arrancou-me ao sonho e bruscamente
Lançou nos braços meus essa mulher funesta,
De cuja vida torpe em mancebia, resta
Um cadáver sòmente.»

«— Duque, podeis provar o que afirmais?»
«— Senhor,
O amante dela foi uma criança, um pajem
Imberbe, desarmado! Eu gabo-lhe a coragem
E maldigo-lhe o amor.

Provas? as cartas dela. É Satanás que exprime
A lúbrica paixão dos dois amantes! Vêde
Que insofrida era a fome e que ardente era a sede
Adúltera do crime!

O documento aí está. Senhor, examinai-o
E não vos causará a mínima estranheza
Que um Duque encontre e mate uma incauta Duquesa
Nos braços dum lacaio!

Ao surpreender os dois nos aposentos dela,
Revolvida no leito a roupa ainda quente,
Fui calmo e fui cristão, fui nobre e fui clemente,
Como quem ama e zela

Da santa religião as regras e os preceitos;
E porque nesse horror de vidas dissolutas
Não há, não pode haver consciências impolutas
Nem corações perfeitos,

Mandei chamar um padre...
O pajem no sobrado
De rastos, a tremer, pedia-me perdão;
— Padre, em nome de Deus, ouvi de confissão
Esse homem condenado.

Em seguida ordenei que um negro o degolasse
A golpes de manchil.
A Duquesa, entretanto,
Tranzida de terror que lhe banhava em pranto
A lividez da face,

Desgrenhada, a gritar, a maldizer a sorte,
Aos filhos se acolheu para salvar a vida.
— Padre, disse eu, também essa mulher perdida
Foi condenada à morte.

Ela prostrou-se então em súplicas frementes
Aos pés do confessor... Eu, silencioso, ouvi-a
A rezar, a arquejar, convulsionada, fria
E a baterem-lhe os dentes!

Depois da absolvição: — Agora a penitência,
Disse eu, desembainhando a lâmina da espada.
E ela, a fugir, caiu de bruços, desmaiada,
Sem voz e sem consciência.

Ao vê-la assim corri, sem rancor e sem zelos,
Friamente e ao olhar essa mulher impura
Finquei-lhe com firmeza um joelho na cintura,
Agarrei-lhe os cabelos,

E dum golpe eficaz decepei-lhe a cabeça,
Em que a negra traição de há muito se gerara:
O sangue espadanou, tingiu-me as mãos e a cara
Numa golfada espessa.

E para os contemplar no abraço extravagante,
Na trágica junção da plebe e da nobreza,
Ergui e arremessei o corpo da Duquesa
Sobre o corpo do amante!

Bem vêdes, procedi segundo manda a lei,
Nesse drama de amor que os ossos enregela;
Mas a culpa, Senhor, não foi minha nem dela;
A culpa foi de El-Rei.

Foi só vossa, Senhor, que em vida nos unistes,
Mandando-nos seguir por uma noite escura.
Sou eu quem vos perdoa a pávida amargura
De tantas horas tristes...»

El-Rei disse-lhe então: — «Fostes justo e sagaz;
Procedestes com honra e com valor. Pois bem,
Eu aceito o perdão e vos perdoo também,
Mas que Deus nos perdoe!
Duque, ide-vos em paz!»

TÁLAMO VIRGEM

No silêncio da noite, às três da madrugada,
Inquieta, à proporção que o dia se avizinha,
Debalde aguarda El-Rei, no tálamo sòzinha,
Isabel de Sabóia, a régia desposada.

Lembra-lhe então Paris, a corte requintada
Do amor, onde aspirara antes de ser rainha
Ao monarca gentil que muita vez lhe tinha
Deixado um beijo a arder na dextra abandonada.

Nisto rompe lá fora a música indolente
De flautas e violões; na fantasia ardente
Da rainha agoniza um terno ideal desfeito:

Distingue a voz de El-Rei, que ri por entre a turba,
E a calma virgindade então se lhe perturba
De raiva e de vergonha, a soluçar no leito!

MACEDO PAPANÇA

Visconde e Conde de Monsaraz
Da Academia Real das Ciências
Em 1890
Dois anos antes da publicação de «Poesias»

POESIAS

DO ÚLTIMO ROMÂNTICO

DIA DE ANOS

Faço hoje anos, trinta anos! Que abandono!
Ai! adeus, mocidade!
Que eu sinto, ó Primavera, que te invade
O desconforto e a lividez do Outono!

Paralisa-me a alma um tédio enorme.
No meu quarto de estudo,
Mapas, livros, painéis, retratos, tudo,
Tudo parece que repousa e dorme.

Mais um ano de vida! Que epigrama
Crivados de ironias!
Trezentos e sessenta e cinco dias
Em que a morte me andou fazendo a cama
No restolho das minhas alegrias!
Mais um ano de vida: — que epigrama!

Eu vou descendo a encosta lentamente.
Que lúgubres caminhos!
Sumiu-se o sol cujo calor ardente
Bebeu febril as águas da corrente,
Crestou as rosas e desfez os ninhos!

Nem perfumes, nem cânticos, nem flores!
Que solidões agrestes!
Que carnaval de lívidos horrores!
Nem um planeta a órbita descerra!
ó morte, quando é que também me vestes
Um negro dominó feito de terra?

Como deve ser bom num dia destes
Um grupo de crianças,
Erguendo os olhos límpidos, celestes,
Alegres, a gritar, saltando e rindo
Com flores nas mãozitas e nas tranças!

E para o quadro ser muito mais lindo,
A mãe de roda delas
— Meu Deus, que bom! — risonha e delicada.
Como uma nuvemzinha iluminada
A flutuar em volta das estrelas.

E depois do jantar
Vê-las brincando alegres no terraço.
Ou a correrem rubras de cansaço
Nas sombras do pomar,
Enquanto a mãe, erecta, fina e grave,
Assentada ao piano,
Modula uma canção terna e suave
Na sua voz tranquila de soprano.

Que lindo sonho! E vejo-me sòzinho,
E não tenho ninguém que me conforte!
Ouço o vento a chorar, trágico e forte,
Nos fúnebres chorões do meu caminho,
As lágrimas da morte.

Vem-me seguindo vagarosamente,
Num féretro pesado,
A minha louca mocidade ardente,
Meu triste coração despedaçado.
À proporção que os anos vão passando,
Uma branca mulher desconhecida,
Que eu sempre vi atrás de mim chorando
No decorrer da minha curta vida,
À proporção que os anos vão passando,
Vai-os ela no féretro lançando.

Essa mulher, a minha companheira,
Com quem de noite muita vez converso,
Que eu temo e que eu adoro,
Lembro-me de a ter visto a vez primeira,
De pé junto ao meu berço,
Quando chorei o meu primeiro choro.

Branca, assim como as esculturas frias
Dos mármores pagãos,
Pelas costas as tranças desmanchadas,

E nas pálidas mãos
O bandolim das minhas alegrias,
Com as cordas quebradas!

No silêncio das noites estreladas
Canta, em doces estrofes cadenciadas,
Dum ritmo tão sereno!
A lenda dos meus sonhos cor-de-rosa,
Que tem a nostalgia dolorosa
Das baladas do Reno!

Pois bem, essa mulher que me acompanha
Chorando desgrenhada,
Que temo e que bendigo,
Quando eu chegar à base da montanha
Haveis de vê-la enfim, petrificada,
Em pé no meu jazigo.

NARCÓTICOS

Bebi, embriaguei-me. ó tu que me embebedas
Com o vinho subtil do teu altivo olhar,
Apagas-me a razão e afundas-me num mar
De plumas e de sedas!

Enervas-me e depois deixas-me assim prostrado;
Acendem-se-me na alma as rutilas quimeras
Que brilham a tremer no espaço constelado
Das minhas primaveras;

E sinto-me feliz nessa agonia lenta
Da energia viril que expira no meu seio;
E creio então no amor que a febre me alimenta;
Ai, pobre de mim, creio!

Fecho os olhos e vou, na onda que me arrasta,
Ao acaso, a sorrir, de braços estendidos,
Porque julgo atingir-te, ó lúbrica e nefasta,
A fímbria dos vestidos!

ESFINGE

É possível que tu, lendo estes versos, rias
Do ingénuo coração que os escreveu chorando;
Rasgá-los-ão talvez, num ímpeto nefando,
As tuas brancas mãos nervosamente frias.

Embora! Hás-de beber as lágrimas sombrias
Que as pétalas me vão das ilusões mirrando,
E o veneno fatal que me adormenta quando
Dos teus lábios escuto as rubras ironias.

Esfinge, quero ler, como num livro aberto,
Desse teu coração no túmulo deserto
O malogrado amor que to gelou tão cedo!

Eu quero interrogar o cadáver desfeito
Que repousa na paz do teu marmóreo peito,
E depois...
— Não to digo; é este o meu segredo.

ROUXINÓIS

Com saudades dos ninhos perfumados
E do tépido luar da Primavera,
Morrem de dor os rouxinóis, coitados,
Se alguém numa gaiola os encarcera.

Eu também tive um rouxinol no peito
— O coração vibrante de harmonias —
Ao qual, ó doida mocidade, havias
Um doce ninho de plumagens feito.

Cantou, em noites cálidas e mansas,
Nos choupos do Mondego, altos e frescos,
Os seus ideais em versos romanescos
E simples como as almas das crianças.

Cantou singelamente, altivamente,
Nas regiões puríssimas do espaço;
E do seu voo sereno em cada traço
E em cada nota do seu canto ardente,

Sentiu o vigor épico e fecundo
Que o sentimento retempera e exalta
Muito acima da nuvem que, mais alta,
Flutua sobre os pântanos do mundo.

Numa triste prisão, erma e sombria,
A tua mão despótica encerrou
O ingénuo rouxinol... Desde esse dia,
Caiu por terra e nunca mais cantou.

ÚLTIMA VONTADE

Na minha modestíssima penumbra
Beijo-lhe o rosto claro e a trança leve:
Branca e loura, meu Deus, o sol e a neve
Numa pureza ideal que me deslumbra!

Por isso docemente desabrocha
Nas urzes da minha alma endurecida,
Flor aberta nas fendas duma rocha,
O casto amor de toda a minha vida.

Uma existência inteira concentrada
Nessa única flor feita de espuma,
Cuja essência subtil e delicada
Me adoça a alma e os sonhos me perfuma!

Se um dia a morte me levar, que eu leve
Nas mãos cruzadas essa flor tão pura,
E a desfolhem na minha sepultura,
Num chuveiro de pétalas de neve!

SÚPLICA

Ao coração duma criança

Ó casto coração que bates fortemente,
Tu que és ingénuo e são e tímido e inocente
E podes inda amar;
Que tens o riso aberto e as lágrimas enxutas,
Chega-te bem ao meu, que é como as fundas grutas
Que não têm luz nem ar.

Chega-te bem ao meu, ao coração que foi
Singelamente bom, nas mágoas um herói,
Nos risos uma flor;
Que ao sentir-se afagar por umas mãos pequenas
Voava pelo azul a sacudir as penas
Em frémitos de amor!

Hoje está velho e só como um castelo antigo,
Orbita sem ter luz e lar sem ter abrigo,
Desamparado e mudo;
E se inda às vezes solta alguma gargalhada,
É porque se entretém, visto não crer em nada,
A escarnecer de tudo.

Por isso me revolto e sofro, se contemplo
O coração que foi um salutar exemplo
De fé e religião;
Por isso eu te suplico, a ti, que és forte e crente,
Que te chegues ao meu, ó coração ardente,
ó casto coração!

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

Deixaste-me; partiste!
E embora eu saiba, enfim, que voltarás depressa,
Enche-me o coração e turva-me a cabeça
A saudade, essa névoa enregelada e triste.

E agora que estás longe eu penso que estão perto
Os bons dias de Maio, ao pé de ti sòzinho,
Entre as moitas em flor dum matagal deserto,
Como um pássaro alegre a construir um ninho.

Iremos através das várzeas enramadas
De roseiras em flor;
Cairão sobre nós as rosas orvalhadas,
Numa chuva subtil de gotas perfumadas,
Meu amor! Meu amor!

E ao passarmos os dois, alegres e felizes,
Rindo sob o dossel dos plátanos gigantes,
Eu hei-de te pedir que em beijos me indemnizes
Das saudades cruéis que me pungiram dantes.

Fico-me às vezes a cismar naquilo
Que era a minha riqueza idolatrada:
O grande e puro coração tranquilo
Da minha amada.

Foi neste coração profundo e largo
E tenro como os corações das flores,
Que eu, louco, derramei o pranto amargo
Das minhas dores.

Chorei-lhe ondas de lágrimas no peito,
Descrevendo-lhe o horror do meu passado
E a sombria paixão que me tem feito
Tão desgraçado!

E aquele coração tranquilo e doce
Foi-se enchendo de mágoas, e afinal,
Porque era um frágil coração... quebrou-se
Como um cristal!

SUBLATA CAUSA...

Se eu a chegar a ver, — que dor sem fundo! —
No lúgubre caixão morta e gelada,
A ela, à minha eternamente amada,
Que é tudo o que me prende a este mundo.

Pobre de mim! Exausto, sobre o lodo
Meu corpo inútil cairá sem vida,
Como uma velha planta carcomida
Cuja raiz apodreceu de todo.

CARNALIDADE

Quando penso afinal que um dia, tarde ou cedo,
Na luta singular do medo e da coragem,
Te hei-de dizer baixinho o íntimo segredo
Do meu amor selvagem.

E me lembro — que bom! — de que o teu corpo honesto,
Sem poder resistir às tentações do amor,
Dum quente amor de artista,
Entre os meus braços nus e trémulos... Senhor!
Como escrever o resto?!
Cai-me a pena da mão, perturba-se-me a vista.

DOR INGÉNITA

Dias tristes, longas horas
Convulsionadas da vida,
Em que tu, alma oprimida,
Choras;

As quais nas lutas que afronto
Subindo o rude calvário,
Como as contas dum rosário
Conto;

Rasgais no tempo e no espaço
Aos que transitam no mundo,
Um sulco amargo, um profundo
Traço.

Na existência mais pura
Em que a paixão desabrocha,
Como as estilhas da rocha
Dura,

Que nas marés convulsivas
Rasgam o peito das fragas,
Abris sempre enormes chagas
Vivas.

Vivas chagas donde escorre
O sangue ardente, golfado
Dum coração que, ignorado,
Morre.

Quando, ó minha dor, aumentas
O sonho em que te evaporas,
Acordo e correm-me as horas
Lentas.

Lentas, pesadas... E eu, triste,
Lastimo, os olhos em pranto,
Que a morte, da vida tanto
Diste.

Passai, correi, longas horas
Convulsionadas da vida,
Em que tu, alma oprimida,
Choras!

ESCRAVOMANIA

Mandas-me, cumpro. Eu sou o autómato modesto
Que a tua mão dirige e o teu olhar fascina;
Prende-se a minha vida à curva purpurina
Da tua boca e à luz do teu sorriso honesto.

Só quero o teu amor, — profundo amor —; de resto
Em nada penso e creio! É esta a minha sina.
Aos teus caprichos, flor, todo o meu ser se inclina
Seguindo a sua lei traçada no teu gesto.

E nesta escravidão, cujos grilhões abraço
E beijo tanta vez, alarga-se-me o espaço,
Em que ouço alegremente os pássaros cantar.

Eu fiz do meu segredo um cárcere risonho;
ó déspota gentil, embala-me este sonho!
Olha-me! eu quero luz. Fala-me! eu quero ar.

NA PRAIA

Às nove da manhã no mês de Outubro
A minha gentil noiva entra no oceano;
E eu sinto-me vaidoso, se descubro
No esmalte azul das ondas irrequietas
O traço ideal do seu perfil romano.

Ela é nervosa e ágil e franzina
E muito branca e muito loura; ao vê-la
Num turbilhão de espumas, imagina
Minha alma em sonhos retratá-la a cores
No tom fresco e subtil duma aguarela.

E fico-me na praia olhando, ao largo,
Essa casta e graciosa criatura,
Batida pelo mar convulso e amargo,
Que nos braços a aperta e em ânsias de água
Lhe beija a fronte acetinada e pura.

De mãos dadas com suas companheiras,
Essa gentil e esbelta rapariga,
Entre a espuma das ondas altaneiras
Saltando, a rir, desperta-me a lembrança
Das coreias pagãs da Grécia antiga.

Mas depois quando a vejo, grave e séria,
Subir a encosta dos rochedos, cismo,
ó minha ardente fantasia aérea!
Em que ela tem o místico semblante
Das madonas do velho cristianismo.

Surge-me então na doce iluminura
Que esmalta a oiro e prata os evangelhos,
Numa irradiante e deslumbrante alvura,
E todo o meu amor para cantá-la
Sente desejos de cair de joelhos.

NOCTURNO

Maldita sejas tu, mulher, entre as mulheres!
Quero saber quem és, donde vens e o que queres.
Tu surges-me através de escuros pesadelos,
Suplicante, a chorar, esparsos os cabelos,
Quando aflito, cansado, eu sinto no meu leito,
Invadindo-me a alma e esmagando-me o peito,
As solidões da treva e o peso das montanhas.
Quero saber quem és, visão que me acompanhas,
Lírio mirrado e frio a espalhar no meu sono,
Por entre os matagais e os cardos do abandono,
O cheiro que se esvai das podridões desfeitas.
Quem és tu? quem és tu, que, sôfrega, me espreitas
Dentre sombras e vens com os lábios gelados
Beijar-me, enquanto durmo, os olhos apagados,
Contar-me as pulsações, abraçar-me ao de leve,
Caindo sobre mim como um lençol de neve,
A ponto de sentir num rápido momento
Parar o coração, fugir o pensamento
E, náufrago, a boiar em turbilhões revoltos,
Sumir-se no escarcéu dos teus cabelos soltos?
Quem és tu? quem és tu?... Sou destemido e forte
E nada me apavora...

— Amigo, eu sou a morte!

DEUS TE PAGUE!

Obrigado, obrigado! Eu posso, finalmente,
Descerrar como um cofre o coração repleto
E entornar — que alegria! — as jóias deste afecto
Na tua alma inocente!

Posso entrar afinal, sem que ninguém me veja,
Pelo teu coração alegre e imaculado,
Com a tranquila fé e o respeito sagrado
Com que entro numa igreja!

Posso inundar de luz os sonhos multicores
Contornados no azul da tua fantasia,
E arremessar-te aos pés, em versos — que alegria!
Um punhado de flores!

Pois bem! Sem perturbar a paz em que descansas
Dir-te-ei, alma infantil, as lágrimas secretas
Que brilham a tremer nas almas dos poetas,
Nos olhos das crianças,

E os mil nadas do amor e os frémitos suaves,
A alegria, a ternura, os risos, os fulgores,
Que enchem de manhã cedo os cálices das flores
E os cânticos das aves.

Mas se te deixar triste a minha voz magoada
Porque o teu coração ouvindo-a se condoa,
ó tu, que és pura, ó tu, que és generosa e boa,
ó tu, que és delicada,

Que o teu límpido olhar me perdoe e me afague
E eu te direi baixinho, a trasbordar de vida,
Obrigado, obrigado, ó noiva estremecida!
Meu amor, Deus te pague!

TRECHO DE MOCIDADE

Se me lembro! E posso eu nunca esquecer-me
Desse amor tão cortado de loucuras,
Que me roeu como se fosse um verme
A branca flor das ilusões mais puras!

Vivíamos ali como em segredo;
Eu novo e bom, tu generosa e bela.
Entrava-nos o sol pela janela
E o riso dos pardais de manhã cedo.

Pelo campo crestavam-se as espigas,
A brisa desflorava os laranjais,
E ondulavam as rústicas cantigas
À sombra resinosa dos pinhais.

Gemiam nas azenhas dos lagares
As monótonas águas espumosas,
E os insectos brindavam os pomares
Bebendo pelos cálices das rosas.

O sol caía a prumo nos valados
E causticando os pântanos dormentes
Entornava topázios facetados
Na tranquila epiderme das correntes.

E como um louro vinho que trasborda,
Embebedava a natureza o sol:
Escutava-se o eterno si-bemol
Dos zangãos nos violões duma só corda.

Nós fizemos ali, pombos, o ninho
Do nosso amor apaixonado e ardente,
Entre os festões dum bosque rescendente
A madressilva agreste e a rosmaninho;

Cedendo às moles tentações do sono,
Nessa atmosfera quente e abafadiça,
Por sobre a relva, à sombra — que abandono!
Deitavamo-nos ambos — que preguiça!

E tu, olhos e boca entrecerrados,
As narinas febris, vermelho o rosto,
Com os seios de neve libertados
Do teu roupão de rendas descomposto,

Beijavas-me a cabeça, as mãos e o peito;
E os braços num frenético alvoroço
Sentia-os apertarem-me o pescoço
Nos jaspes dum colar branco e perfeito.

... ...

Já vês que nunca, nunca, hei-de esquecer-me
Desse amor tão cortado de loucuras,
Que me roeu como se fosse um verme
A branca flor das ilusões mais puras!

SEREIA

Fala, que ouvindo-te sonho
Com esse ninho risonho
Escondido entre os rosais!
É doce a tua garganta;
Ai! rouxinol, canta, canta,
Não te cales, canta mais.

Tenho a minha alma de luto;
Fala, bem vês que te escuto
E que me sinto tão bem!
Tu dás vida à própria morte,
Porque me falas de sorte
Que ouço a voz de minha mãe.

Essa voz tranquila e calma
Faz levantar a minha alma
Em leves sonhos ideais.
É doce a tua garganta,
Ai! rouxinol, canta, canta,
Não te cales, canta mais!

Quando tu falas eu penso
Que alguém me embala, suspenso,
Numa rede de luar;
Tens notas desconhecidas,
Que as rolas adormecidas
Sòmente sabem vibrar!

Lembram-me as águas correntes
Das catadupas frementes
Que choram nos salgueirais!
É doce a tua garganta,
Ai! rouxinol, canta, canta,
Não te cales, canta mais!

Sou apenas, quando falas,
Uma criança que embalas
Entre rosas e açucenas;
Sou como a rola aninhada
Numa cama perfumada
Feita de musgos e penas.

Meu casto amor inocente,
O teu canto é transparente
Como os límpidos cristais;
É doce a tua garganta...
Ai! rouxinol, canta, canta,
Não te cales, canta mais!

MANHÃ DE OUTONO

Vamos, — que lindo Novembro!
Pelas longas avenidas,
Entre as árvores despidas
E os campos desertos. Vamos,
Tu encostada ao meu braço,
Alegre, espraiando a vista,
Sob o influxo panteísta
Da larga bênção dos ramos.

Da larga bênção dos ramos,
Que sobre nós, gotejantes,
Deixam cair os diamantes
Das rubras minas da aurora;
Jóias em cujas facetas
A natureza flutua;
O sol ri nelas, e a lua
Nelas parece que chora.

Nelas parece que chora
Alguma funda tristeza
A alma da natureza
Tão boa e tão generosa;
Parece rir outras vezes
Tremeluzindo nos galhos...
ó puros e bons orvalhos,
Caí nesta flor sequiosa!

Caí nesta flor sequiosa,
Que se abre presa ao meu braço,
Sequiosa da luz, do espaço
Que a fantasia lhe invade;
Constelai-lhe as louras tranças,
Os ninhos dos meus desejos,
Que eu acalento com beijos
Vibrantes de mocidade!

Vibrantes da mocidade
Que corre nas minhas veias!
Ai! rouxinol que gorjeias
Toda a noite e todo o dia
No coração cuja vida
Ao seu amor me está presa,
Muitos chamam-te a tristeza,
Mas eu chamo-te a alegria.

Sim, eu chamo-te a alegria,
A ardente, a viva cratera,
Que estoira na Primavera
Em gargalhadas de flores
E eleva o espírito às nuvens
Em lavas ténues, revoltas,
Feitas de pétalas soltas,
Tintas de todas as cores.

Tintas de todas as cores,
Cuja harmonia suprema
— A natureza — é um poema
De estrofes desconhecidas;
Aprende-as tu, que caminhas
Sequiosa de luz, de espaço,
Apoiada no meu braço
Pelas longas avenidas.

DURANTE A INSÓNIA

Ó sono, ó velho e idolatrado amigo!
Eu choro e sofro; abraça-te comigo,
Vence esta dor, enxuga-me este pranto,
Narcotiza-me, torna-me inconsciente,
Deixa que eu morra temporàriamente,
Amortalhado no teu negro manto.

Na minha oculta mágoa eu te bendigo,
ó sono, ó velho e idolatrado amigo!

Quero fugir à sociedade e ao mundo,
Porque me perco nesse mar sem fundo
Onde naufraga a consciência humana!
Eu sou bom e sou puro, eu amo e creio.
Mas sinto que se infiltra no meu seio
O fel dalguma coisa que me engana!

Quero afastar-me deste charco imundo,
Quero fugir à sociedade e ao mundo.

Alegrias, quimeras mentirosas,
Secais e desfolhais-vos como as rosas
Aos beijos quentes das manhãs de Agosto;
Turíbulos dourados, cujo lume
Nos extingue das crenças o perfume,
Que se evola entre as nuvens do sol posto.

Parti, voai, ó fúteis mariposas,
Alegrias, quimeras mentirosas;

Morrer, ressuscitar: o sono é isto.
Na cruz pregado adormeceu o Cristo;
Quero dormir pregado no meu lenho.
Eu sinto horríveis agonias na alma,
Tenho a sede e o calor que não se acalma,
E desalentos sabe Deus se os tenho!

Quero dormir no meu calvário, ó Cristo.
Morrer, ressuscitar: o sono é isto!

Quero dormir, quero sonhar, ó sono;
Lança-me o corpo vil ao abandono;
Descansa para aí, pobre animal,
E deixa que a minha alma, ave sombria,
Entorne pelo espaço a nostalgia
Do azul, num canto alegre e matinal.

Vêm perto os dias lívidos do Outono;
Quero dormir, quero sonhar, ó sono.

Quero voltar atrás, ao meu passado,
Correr no campo, alegre e descuidado.
Sentir no rosto os beijos da manhã,
E ao fresco som das rústicas cantigas,
Esmaltar de papoulas e de espigas
A cabeça infantil de minha irmã.

ó sono, ó velho amigo idolatrado,
Quero voltar atrás, ao meu passado.

Eu quero ver a minha mãe, rezando,
E meu pai descobrir-se humilde quando
A sineta do *Angelus* tangia;
Quero ouvir os chocalhos da boiada,
Latir um cão na eira ladrilhada
E um pastor a cantar a Ave Maria;

Mas sobretudo, ó sono venerando,
Eu quero ver a minha mãe, rezando!

Quero sentir uma paixão sincera:
Entre as flores da minha Primavera,

Beijar aquela que primeiro amei,
Vê-la mais tarde morta, que amargura!
E chorar sobre a sua sepultura
As lágrimas febris que então chorei.

Ó noiva idolatrada, quem me dera
Sentir de novo essa paixão sincera!

Ficarei a dormir eternamente
Ao teu lado, visão, se mo consente
A minha sempre desgraçada sorte.
Dormiremos os dois na mesma cova:
Crianças! eu tão novo e tu tão nova!...
Não há nada mais doce do que a morte.

Não me acordes, ó mundo impertinente,
E deixa-me dormir eternamente.

Deus deu-me tudo o que me pôde dar:
Flores no campo e frutas no pomar,
Gados nédios, colheitas abundantes.
Tudo me deu. Porém, num escuro dia,
Matou-te entre os meus braços suplicantes
E contigo matou minha alegria!

... ...

Fiquei mais pobre do que estava dantes!

CULTO INTERIOR

Tem a minha alma uma janela aberta,
Sempre de par em par;
E sabes para quê, pomba liberta?
Para te ver passar.

Estendo ricas fúcsias com brocados
De rutilos florões,
Tecidos pelos dedos delicados
Das minhas ilusões.

E o meu nervoso amor, em que se espelha
Um fanatismo alvar,
Cruzando as mãos, curva a cabeça e ajoelha
Para te ver passar.

E tu, cheia de graça, e tu, bendita
Virgem serena e pura,
Quando passas à casa em que ele habita
Na rua da amargura,

Ergues para a janela esse clemente
E misterioso olhar,
E ele mais se debruça, humilde e crente,
Para te ver passar.

Espalha sobre ti folhas de rosas
Orvalhadas de pranto,
Que vão formar constelações piedosas
Nas dobras do teu manto.

E nunca deixa essa janela aberta,
Sempre de par em par,
O meu cativo amor, pomba liberta,
Para te ver passar.

PÁGINAS SOLTAS

AOS TRISTES

Uma criança que salta,
Que canta, que ri e chora,
É uma risonha aurora
Que o coração nos esmalta,

Triste daquele a quem falta
Na vida que se evapora,
Uma criança que salta,
Que canta, que ri e chora.

Se o desalento me assalta,
Se a doença me devora,
Dá-me uma estranha melhora,

Que me anima e que me exalta,
Uma criança que salta,
Que canta, que ri e chora!

MANHÃ DE ABRIL

Há frémitos de amor entre a verdura.
Vai passando a Senhora Baronesa,
Que é um mimo de graça e de beleza
E uma branca e finíssima escultura.

Tem a doce expressão, tem a frescura
E o ritmo ideal duma canção gaulesa...
Há frémitos de amor entre a verdura.
Vai passando a Senhora Baronesa!

Um rouxinol nos laranjais murmura
Um canto de alegria e de surpresa;
Soluça uma suavíssima tristeza
Nos tanques e cascatas de água pura;
Há frémitos de amor entre a verdura.
Vai passando a Senhora Baronesa!

Poetas que cantais a natureza,
Artistas que admirais a formosura,
Vêde essa casta e harmónica figura
Que eu arranquei duma aguarela inglesa!
Há frémitos de amor entre a verdura:
Vai passando a Senhora Baronesa!

O «COTILLON»

Caem prantos cristalinos
Da alma doce das flautas,
E queixas tristes, incautas,
Das arcadas dos violinos.

Ele, o pálido, conchega
Ao coração que lhe pulsa,
A carne branca e convulsa
Dum busto de estátua grega.

E sente, se ela lhe fala,
Um quente perfume, um travo,
Como o hálito que exala
A boca aberta dum cravo.

Quem sabe o que ela lhe diz?
O seu colar de brilhantes
Tem ironias picantes
Como os olhos dos saguis.

Deslizam, perdem-se os dois
Entre os valsistas; — que bom!
E depois... depois... depois...
...Demónio do *cotillon*!

NO «PÈRE-LACHAISE»

Passavam por acaso um padre e uma criança,
E eu perguntei: «Senhor, sabeis onde descansa
O grande Michelet?»
E o padre, cabisbaixo, olhando-me de lado,
Respondeu-me, a sorrir, um pouco embaraçado:
«Senhor, não sei quem é.»

Ao ouvi-lo, a criança estende o braço e a vista
Para o leito onde dorme o grande panteísta,
O apóstolo do bem,
O cantor da mulher, o amigo da criança,
Que honra a França no mundo e honra o mundo na França,
E respondeu: «Além».

A SOLARENGA

I

A Duquesa dormitava
Na sua alcova deserta;
A brisa do mar entrava
Pelos góticos lavores
Da grande janela aberta.

Seus longos cabelos pretos,
Pelas espáduas caídos,
Tinham perfumes secretos
Que alta noite envenenavam
Os lábios dos seus validos.

Um enorme cão de raça,
Sobre o tapete, prostrado
Pelos excessos da caça,
Fitava na solarenga
O triste olhar esmaltado.

Das grandes jarras escuras
Saíam flores: a um canto,
Duas finas esculturas
Branquejavam na cimalha
Dum contador de pau-santo.

Destacam sobre a mobília
De caprichosos lavrados,
Os retratos de família,
Com atitudes guerreiras
E peitos encouraçados.

O grande leito, um primor
De vinhático esculpido,
Abria, como uma flor,
As amplas cortinas brancas
Dum finíssimo tecido.

Lá fora a lua de Maio,
Espreguiça-se dormente,
Num luminoso desmaio.
As cascatas do jardim
Choram monòtonamente.

Sob as rijas armaduras,
Passeiam as sentinelas:
Nas longas ruas escuras
Ouvem-se os uivos dos galgos
E as vozes das charamelas.

E a Duquesa dormitava
Na sua alcova deserta;
A brisa do mar entrava
Pelos góticos lavores
Da grande janela aberta.

O seu pajem favorito,
Na plataforma, ao relento,
Sente um prazer infinito
Em levantar às estrelas
O grande olhar sonolento.

Sobre o gibão cor-de-rosa
Descem-lhe as trémulas brumas
Da cabeleira nervosa,
Meio oculta sob o feltro
Dum grande chapéu de plumas.

II

A Duquesa acorda e chama;
Entra o valido na sala
E o coração se lhe inflama
Ouvindo a fresca harmonia
Da sua graciosa fala.

Entra e ajoelha. A Duquesa
Beija-lhe o rosto, depois
A loura cabeça inglesa...
Choram nas sombras do parque
As fontes e os rouxinóis.

Nos compridos corredores
Andam as sombras errantes
Dos legendários amores,
Sinistramente espiando.
O mal que fizeram dantes.

Andam as velhas senhoras
Daqueles domínios vastos
Pagando as rápidas horas
Em que a paixão lhes roubara
Alguns beijos menos castos.

Andam os duques altivos
E os sombrios trovadores
Que zombavam dos cativos,
Exaltando a crueldade
Dos seus fidalgos senhores...

III

A Lua escondeu-se ao largo
No azul que parece absorto
Num religioso letargo.
O silêncio é tão profundo
Como o silêncio dum morto.

No leito a bela Duquesa
Beija do pajem risonho
A loura cabeça inglesa...
Andam bêbedas no ambiente
As fantasias dum sonho.

Na treva, fixos, ardentes,
Acesos como dois lumes,
Profundos e inteligentes,
Os olhos do cão de raça
Latejavam de ciúmes.

NO PAÇO

Nos dias de grande gala,
Perante a nossa Rainha,
A corte, formada em linha,
Desliza como uma escala.

Ninguém se ri, ninguém fala,
Vão todos curvando a espinha,
Nos dias de grande gala,
Perante a nossa Rainha.

Quando a corte se avizinha
Do trono, ao fundo da sala,
Sente o calor que se exala
Das asas dessa andorinha;

Beija-lhe a mão e caminha
Feliz, depois de beijá-la,
Nos dias de grande gala,
Perante a nossa Rainha.

Mefistófeles escuta,
De olho rubro e barba hirsuta,
Esta trémula canção;
E ri — que amarga ironia! —
Da magoada nostalgia
Que enluta o meu coração.

Deixá-lo; que ria embora!
Ergue-se a Lua e descora
O teu rosto, meu amor;
Também na tua janela
Adormece a filomela
E as rosas perdem a cor.

Quero ver-te nos meus braços,
Apertar-te os membros lassos.
Beijar-te os lábios... Depois,
Mefistófeles que ria,
E que ao despontar do dia
Murmurem os rouxinóis!

A PRECE

A Sua Majestade a Rainha D. Maria Pia

I

Janeiro. Caía a chuva
Sobre as pedras da calçada;
E aquela triste viúva,
Ao romper da madrugada,
Ergueu-se do leito, fria,
Com fome, sem agasalho,
E pensou: é quase dia
São horas de ir ao trabalho.

Entre os farrapos dormia
Tranquilamente sorrindo,
Um pequerrucho tão lindo,
Duma carne tão sadia,
Que ao vê-lo assim reclinado,
Risonho e louro, dir-se-ia
Qualquer anjo cor-de-rosa
Que se houvesse descolado
Duma tela religiosa.

A mãe por fim debruçou-se
Sobre ele e disse: — Desperta,
Meu filho; é quase manhã —;
E na boquinha entreaberta
Pousou-lhe um beijo tão doce,
Que o sentiu nos lábios como
Se acaso beijasse o gomo
Vermelho duma romã.

Lá fora as nuvens pesadas,
Do norte ao sopro violento,
Dispersas e desgrenhadas
Nos clarões do firmamento,
Pintavam o quadro estranho
De monstros tomando banho
Num mar de espumas doiradas.

Gemiam pragas e ameaças
Os ventos. O arvoredo
Chorava como em segredo
No alinhamento das praças.

E à fria luz diamantina
Que entrava pela janela

Da água-furtada, naquela
Tão desabrida manhã,
Para dizer-lho, baixinho,
Sobre o filho a mãe se inclina:
— Sabes? vou para a oficina.
— E eu para a *Creche*, mamã.
Levas-me?
— Levo, mas há-de
O meu filhinho, antes disso,
Mostrar-se grato e submisso
A quem lhe faz tanto bem
E com tanta caridade.

Reza pois com tua mãe,
Vamos, reza. —
E a criancinha,
De joelhos sobre a cama,
Depois de benzer-se, exclama,
Pondo as mãos:
— Salve-Rainha!

II

Ao cair da noite, quando
Voltou da *Creche* o pequeno,

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

Vinha risonho e sereno,
Alegremente cantando
Junto da mãe.
Escampara.
Num grande disco alvacento
A Lua surgira clara
Nos plainos do firmamento,
Prateando num longo beijo
As águas frias do Tejo.

Na vaga melancolia
Daquela hora sombria
A natureza parece
Que também se recolhia
Nessa antinómica prece
Que as almas nos alivia
E os rostos nos entristece.

Quando chegaram, a mãe
Disse-lhe: — Filho, estás bem?
— Muito bem.
— Tens fome?
— Não.
— Tens frio?
— Não tenho.
— Então

Vem repetir a oração
Que rezaste de manhã.
— Para ser grato, mamã?
— Sim, meu filho.
E a criancinha,
Inclinando a cabecinha
Abriu os lábios vermelhos
E disse:
— Salve-Rainha!

NO TÚMULO DUMA CRIANÇA

A criancinha dormia
No berço tranquilamente
Sorrindo; também a gente
Ao contemplá-la, sorria.

Em sonhos, porém, um dia
A criancinha doente
Viu que um anjo docemente
A beijava e lhe dizia:

— Deus espera-te no espaço;
Nas rosas do meu regaço,
Alma puríssima, vem! —

E foi. Na eterna peleja
Da vida, quem não a inveja?
Quem a lastima?
Ninguém.

A ARQUIDUQUESA

Nas recepções da embaixada
A Arquiduquesa sorria,
Tão branca e tão decotada,

Que tinha aos pés humilhada
A corte e a diplomacia,
Nas recepções da embaixada.

Quando orgulhosa e aprumada
Nos espelhos se revia
Tão branca e tão decotada,

Sentia-se inebriada;
Que outra mulher não havia,
Nas recepções da embaixada,

Tão loura, tão bem talhada,
De tão alta fidalguia,
Tão branca e tão decotada!

E nada por isso, nada
— Que impossível! — conseguia,
Nas recepções da embaixada,

Aquecer a alma gelada
Dessa escultura tão fria,
Tão branca e tão decotada.

A Rainha, nova e amada,
A flor que mais rescendia
Nas recepções da embaixada,

Sentiu-se, ao vê-la, humilhada!
E a Arquiduquesa sorria
Tão branca e tão decotada,

Que ela jurou, despeitada,
Que ninguém mais a veria
Nas recepções da embaixada.

Da janela debruçada,
Aos duelos assistia,
Tão branca e tão decotada,

Tão risonha e descuidada,
Como à noite dançaria
Nas recepções da embaixada.

... ...
... ...
... ...

Na sua alcova doirada
Surpreendeu-a alguém um dia,
Tão branca e tão decotada,

Nos braços nus apertada
Dum homem, que ninguém via
Nas recepções da embaixada.

AS DUAS MONJAS

I

Na cerca, depois da missa,
Soror Inês e a noviça
Passeavam silenciosas.
Na frescura das regueiras
Expandiam-se as roseiras
Em constelações de rosas.

A passarada gorjeia;
Em volta duma colmeia
Zumbem as louras abelhas;
E as borboletas, aos pares,
Flutuam, cruzando os ares
Sobre as papoulas vermelhas.

Um dia de Primavera:
O sol alto reverbera
À flor das águas dormentes;
A nora ao largo gemia
Naquela monotonia
Das horas longas e quentes.

Da cerca alegre os ruídos
Despertavam os sentidos
Do triste par solitário.
E os finos, pálidos rostos
Perfilavam-se, compostos
Na alvura do escapulário.

Mas o silêncio quebrou-se,
Porque é natural e doce
Falarem do seu passado,
Na santa paz da clausura,
Uma infeliz criatura
Com outra infeliz ao lado.

Sem rancores nem lisonjas,
As duas pálidas monjas
Falavam singelamente;
Corações simples e francos,
Um casal de cisnes brancos
Deixando-se ir na corrente.

Uma delas, a mais moça,
Cuja tristeza lhe adoça
A voz humilde de escrava,
Pinta com cores profanas
As alegrias humanas;
Soror Inês escutava.

Descreve os bailes, as festas,
As caçadas nas florestas
Cheias de risos e beijos,
O amor que a fortuna afaga,
E o que se perde e naufraga
No mar alto dos desejos.

Conta-lhe as horas passadas,
As mãos nas mãos apertadas
Nos transportes da paixão,
E as mentiras deliciosas
Que espalham lírios e rosas
Na estrada da perdição.

Disse-lhe enfim a amargura
Com que, tão nova, procura
Morrer a cada momento;
Pomba cheia de saudades
A debater-se entre as grades
Apertadas do convento.

Quando as portas do mosteiro,
Numa manhã de Janeiro
Se abriram para a tragar,
E as freiras, em duas filas,
Aprumadas e tranquilas,
Caminhavam devagar,

Levando-a cheia de medo,
A tremer sobre o lajedo
Das arcarias claustrais,
Viu, num momento horroroso,
O desfilar silencioso
Dos seus próprios funerais.

«Não há ninguém que me valha,
Vestiram-me esta mortalha,
Cortaram-me as tranças, e eu,
Corpo e alma sempre em guerra,
Estou mais perto da terra
E mais distante do céu!»

E uma lágrima corria
Pela face branca e fria
Da pobre monja infeliz,
Ao pensar na história oculta,
Que o desalento sepulta
E o coração nunca diz.

Como era singela e boa,
Soror Inês consolou-a,
Exaltou-lhe a solidão
Em que a divina clemência
Acende a luz da consciência
Na noite do coração.

Pôs-lhe depois em relevo
O gozo, o místico enlevo
Das almas contemplativas
Que dos claustros e das celas
Se erguem, sorrindo, às estrelas
Solitárias e cativas.

Vive isolada e reclusa,
Pedindo à fé que a conduza
A porto de salvamento;
Pensa desde pequenina
Que todo o mundo termina
Nos muros do seu convento.

Também já fora noviça,
Mas sempre escrava submissa
Das regras e dos preceitos
Que nas austeras clausuras
Tornam as almas mais puras
E os corações mais perfeitos.

II

Como o dia estava lindo
Foram as monjas seguindo

Por sob as frescas latadas;
Andam dispersas nas ruas
As freiras, duas a duas,
Silenciosas e curvadas.

Longe, nas altas varandas,
Agrupam-se as educandas
Em volta das seculares;
Parecem pombas que em breve
Irão nas asas de neve
Em revoadas pelos ares.

Ouve-se o choro das fontes,
Zunem no dorso dos montes,
Em cruz, as velas dos moinhos;
Propaga-se a natureza,
Na primitiva rudeza,
Das capoeiras aos ninhos.

Passa por entre as ramadas,
Dos vales às cumeadas,
Um quente sopro de amor;
E dão beijos à vontade
Os melros na virgindade
Das laranjeiras em flor.

... ...

Assentaram-se cansadas
As duas monjas, caladas,
Sobre um banco de cortiça;
Mas Deus, pela vez primeira,
Voltou as costas à freira
E contemplou a noviça,

Que erguendo o olhar cristalino
Medita no amor divino
Que expulsa os erros do mundo,
Enquanto, os olhos cerrados,
Cisma a freira nos pecados
Do amor humano e fecundo.

MÃOS PATRÍCIAS

Numa festa de caridade

Ó mãos aristocráticas e finas,
De tradições tão nobres
Como o orvalho que cai dos arvoredos,
Deixai cair as pérolas dos dedos
Sobre as louras cabeças pequeninas
Das criancitas pobres.

Desnudadas de anéis, muito ao de leve,
Em virginais afagos,
Como as asas das pombas cor de neve
Roçando à flor dos lagos,
Acariciai as desmanchadas tranças
Que emolduram os rostos das crianças.

Vereis depois, ó dedos delicados,
Que inspiração tão grande
Em sorrisos e lágrimas se expande,
Quando em Dezembro, nas chorosas tardes,
Eléctricos e finos vos poisardes
No dorso harmonioso dos teclados.

Será mais terna e funda a nostalgia
Que se evola da música sombria
De Schubert, e também
Terá mais fel na sua dor convulsa
O rude coração que geme e pulsa
Nas valsas de Chopin.
Ó mãos, estrelas de marfim polido,
Com pétalas de rosa em cada raio,
Se ainda tendes algum brilhante, dai-o
Às crianças de olhar desfalecido,
Para as quais nasce o sol sempre escondido
E são geladas as manhãs de Maio.

Tereis um dia a recompensa, quando
Na igreja, ao pé do altar,
Sobre as dos noivos trémulas poisando,
O próprio Deus vos for abençoar.

E, ó brancas mãos patrícias,
Que tendes o segredo de carícias
Que ninguém mais conhece,
Quanto maior for hoje a vossa esmola,
Deus tanto mais apertará na estola
As duas mãos que um só desejo aquece!

FRAGMENTO DE ELEGIA

Na morte do poeta Luís Carlos Simões Ferreira

Não é possível, não! Morrer quando se sente
O sangue heròicamente
Ferver no coração,
Morrer quando o futuro à glória nos convida,
Morrer em plena luz, morrer em plena vida,
Não é possível, não!

No entanto eu sinto a dor desensofrida e vaga
Deste impossível!... Sinto
Que da morte no escuro e vasto labirinto
A crença me esclarece onde a razão se apaga.

Eu sei que nunca mais hei-de tornar a ver-te,
Mas vejo a toda a hora
O teu cadáver mudo, enregelado e inerte,
Sobre o qual a minha alma empalidece e chora.

Eu sei que não há sol que as tuas mãos aqueça,
Nem beijo que te acorde as pálpebras cerradas,
Nem há Deus que te inunde em róseas alvoradas
A eterna rigidez da lívida cabeça.

... ...

Mas se medito e penso
Deste problema atroz na velha conclusão,
Embora sinta na alma o luto mais intenso,
ó desgraçado amigo,
Vejo-te morto e digo:
Não é possível, não!

A UMA GRANDE ARTISTA

Oferecendo-lhe as «Crepusculares»

Senhora, ao entregar nas suas mãos de neve
O meu pequeno livro, eu julgo que lhe entrego
O grande coração que às águas do Mondego
Um dia foi lançar as jóias que conteve.

Se assim é, quando o ler, minha Senhora, deve,
Vestindo-o desse olhar que muitas vezes chego,
Ao senti-lo, a julgar-me alucinado e cego,
Pensar no coração que a palpitar lhe escreve.

Aceite-o, não recuse ao triste visionário
O ouvir-lhe a rude voz no lúcido santuário
Que encerra a graça ideal da sua gentileza.

Se a arte também tem seus reis e seus vassalos,
Esses versos são meus, não pode rejeitá-los
A um súbdito que ajoelha aos pés de Vossa Alteza!

Eis aqui um *bouquet* e uma violeta escura.
Duquesa, não traduz por forma alguma, creia,
Este mimo gentil, a mais pequena ideia
De conseguir o fim que o meu rival procura.

Feriu-me a austera luz da sua formosura,
A graciosa altivez dos tipos da Judeia;
Mas quanto à distinção que de mim fez, tomei-a
Como uma coisa ideal muito inocente e pura.

Eu dou-me por bem pago e fico satisfeito
Se vir o meu *bouquet* nas curvas do seu peito
Sobre os flocos subtis das rendas transparentes;

E a violeta — meu Deus, que fantasia louca! —
Entre os finos carmins da sua fresca boca,
Sob a casta pressão dos seus pequenos dentes.

A MEU SOGRO

Ele é um homem são, grave, cordato, antigo,
Um velho português de clássica estatura;
A sua alma é um templo e esse templo um abrigo
Que acolhe e revigora o triste que o procura.

Os seus exemplos bons e a sua vida pura
São os livros que eu leio e as pisadas que eu sigo;
Que Deus encha de paz, de amor e de ventura
O largo coração do meu melhor amigo!

A inteligência dele é vasta e penetrante,
Um sol de Primavera a fecundar constante
A natureza em flor do seu glorioso Inverno!

A viva admiração que eu sinto quando o vejo,
Faz crescer na minha alma este íntimo desejo:
Que o meu Alberto saia ao seu avô materno!

CANÇÃO ANTIGA

Numa festa artística de Eduardo Brasão

Em tempos que vão distantes,
Quando os príncipes de raça
Voltavam ébrios da caça
Nos seus cavalos possantes,

Ou quando, após as metralhas,
Altivos como pavões,
Regressavam das batalhas
À frente dos esquadrões,

Era uma glória espantosa
Ao desfilarem nas ruas
As soberbas equipagens,
Onde, ao pé de qualquer *Fuas*,
Sorria a face garbosa,
Imberbe e loura dos pajens.

Como coisas transitórias,
Foram passando essas glórias,
Esses costumes, e agora
Triunfam por toda a parte,
Em robusta florescência,
Os reis austeros da ciência,
E os reis formosos da arte.

Príncipe, a sua realeza
É legítima; portanto,
Eu curvo-me, admiro, canto
E saúdo a Vossa Alteza.

RENDAS, FLORES E PLUMAS

De rendas, flores e plumas,
Margarida, tu costumas
Andar na praia vestida,
Como uma Vénus saída
Do fervilhar das espumas;
E é um gosto, Margarida,
Ver-te na praia, envolvida
Em rendas, flores e plumas.

Que plumas, flores e rendas
Vestem nas mórbidas lendas,
Nas sonorosas baladas,
As virgens apaixonadas;
E é por isso (não te ofendas)
Que trazes sempre veladas
Essas formas delicadas
Em plumas, flores e rendas.

Ai, rendas, plumas e flores,
Tépido ninho de amores,
Afagai-a, agasalhai-a!
Vão atrás dela na praia
Artistas e trovadores;
ó brisas do mar, beijai-a,
Que Margarida desmaia
Em rendas, plumas e flores.

Tocas Beethoven. Pouca luz na sala.
Pelas largas janelas entreabertas
Respira-se o perfume que se exala
Dos roseirais nas áleas desertas.

Eu, silencioso e comovido, escuto,
Olhando-te, essa música plangente
Que ondula e se dissipa, vagamente,
Como o fumo subtil do meu charuto.

Sou feliz! Mas, se o sou, porque sucumbo?
É que o meu coração nunca se esquece
Desse corpo sem vida que apodrece
Hora a hora num féretro de chumbo.

É que me lembro, ai que saudades dela!
Da minha santa Mãe, tão desgraçada;
Dela, a vítima pura e resignada,
Que na trágica noite se esfacela.

Beethoven chora no teclado; e eu choro
Porque abranjo no mesmo olhar profundo,
Morta, a mulher que eu adorei no mundo,
Imóvel junto da mulher que adoro.

PESADELO

Dorme, esparso o cabelo em ondas coruscantes
Sobre as pregas azuis da bata airosa e leve.
Não tem no rosto a cor finíssima que teve
Quando as rosas do céu lho perfumavam dantes.

Dormem-lhe ao pé também as sedas roçagantes,
As rendas de Alençon, de caprichosa neve,
E o espartilho feliz que, de manhã, lhe deve
Os contornos cingir das carnes palpitantes.

Dorme; entretanto grita, empalidece e chora...
Um pesadelo esmaga a triste pecadora:
No tenebroso horror da sua vida inteira

Aparece-lhe a mãe, esquálida e ferina,
O monstro que a vendeu quando era pequenina
À torpe exploração duns arlequins de feira.

O BERÇO

Mandámos fazer um berço
Onde, entre as leves cortinas,
Dorme tranquilo e submerso
Em sedas e rendas finas,

Como uma ave agasalhada
Nos musgos quentes dum ninho,
Essa expressão delicada
Do amor: o nosso filhinho.

Ele é saudável de sorte
Que leva os dias dormindo;
Tão delicado e tão forte!
Tão pequerrucho e tão lindo!

Tem a macieza das penas
Essa gentil miniatura
Com quinze dias apenas
E só dois palmos de altura!

Minha sina há-de ser lida
Na sua pequena mão,
Que é vida de minha vida,
Raiz do meu coração.

Sorri num vago sorriso:
Sobre o seu berço me inclino
A ver se nele diviso
O rumo do seu destino.

Quando abre os olhos, procuro,
A ver se a posso encontrar,
Essa pérola — o futuro —
No fundo do seu olhar.

Tudo o que eu quero suponho
Que vejo; mas nada vejo
Mais do que aspectos dum sonho
Fantasmas do meu desejo.

ABUSO DE CONFIANÇA

Tu não terias mais do que uns quinze anos feitos;
Eu tinha os vinte e três dum sentimentalista;
Arfava branca e pura a neve dos teus peitos,
Na qual durante o baile eu refrescara a vista.

Nós íamos os dois na mesma carruagem,
Dois pássaros em Maio, ambos no mesmo ninho;
Havia uns frescos tons nos longes da paisagem
E um tapete sem fim de esteva e rosmaninho.

Ia em frente de nós a tua *institutrice,*
Uma galga alemã de caracóis medonhos;
Ia a dormir, talvez a recordar em sonhos
As frases guturais que um alemão lhe disse.

O aroma resinoso e acre dos piornos
Penetrava-me. Tu, num lânguido abandono,
Deixaste escorregar os flácidos contornos
Do teu corpo gentil nas tentações do sono.

Erguiam-se os pardais das moitas espantados;
Os cães vinham ladrar raivosamente às éguas;
Ouvia-se a distância o chocalhar dos gados...
...Nós tínhamos que andar obra de duas léguas;

Tu caíste, afinal, cedendo aos solavancos,
A dormir no meu ombro; e eu cometi o ultraje
De entreabrir a peliça e olhar-te os peitos brancos,
A tremerem de encontro aos diques do *corsage*!

A alemã ressonava e — ó tentações protervas! —
Os meus lábios pousei dum animal sem brio
No teu colo gentil, mais doce e mais macio
Do que o fresco cetim das flores e das ervas.

Mas tu, quando sentiste a minha boca ardente
As rendas invadir do teu corpete aberto,
Acordaste e, indignada, explosiva, fremente
Disseste-me: «O senhor enlouqueceu decerto!»

Encostei-me dum salto ao fundo da carruagem,
Olhos fechados, hirto, estúpido e calado...
Sentia-te a tremer com medo do selvagem
E a soluçar num choro oculto e sufocado!

Quando, para espreitar, as pálpebras abria,
Sob o jugo brutal daquela acção ruim,
Encarava a alemã, empacotada e fria,
Os olhos policiais abertos sobre mim.

A CESÁRIO VERDE

Ai daqueles que nascem neste caos
E sendo fracos sejam generosos!
As doenças assaltam os bondosos
E, custa a crer, deixam viver os maus.

C. VERDE

Sim, custa a crer! Quando escrevias isto,
Tu, que eras magro e louro como um Cristo,
Ó meu pálido artista visionário,
Cismando, ergueste o olhar em pranto amargo
E viste, ó doce mártir, muito ao largo,
A cruz no teu calvário!

A tua casta irmã tinha partido.
Levara lírios brancos no vestido
E rosas entre as mãos frias de neve;
E, como era inocente, ingénua e boa,
O teu irmão mais novo acompanhou-a
E disse-te: «Até breve!»

Ao ver chumbar o último ataúde,
Na pujança da força e da saúde,
Ergueste a fronte e desafiaste a morte.
Travou-se então uma renhida luta:
Ela implacável, traiçoeira, astuta,
Tu destemido e forte.

Ai, custa a crer! Numa sombria noite
A tísica invencível subjugou-te,
Prostrando-te na arena bruscamente!
Tu, que eras generoso e bom, caíste;
Como a fatalidade é rude, triste,
Sarcástica e inclemente!

Caíste como as pombas fulminadas
Num tapete de rosas orvalhadas,
Golfando sangue, exausto de cansaço;
E o teu último olhar de moribundo,
Circunvagou, nostálgico do mundo,
Errante pelo espaço!

Caíste — ai, custa a crer, amigo, custa! —
Sob a garra indomável e robusta
Desse flagelo a que ninguém resiste;
Eras rico, gentil, inteligente,
E muito vigoroso e muito crente,
E entretanto caíste!

O grande e forte cérebro que havia
Em ti gerado a loura fantasia
Dessa musa impassível e fecunda,
Sobre um mármore duro esmigalhado,
Esse fino cristal, ei-lo apagado
Na escuridão profunda!

O astro altivo mergulhou no poente:
Parou de todo o coração valente,
Heróico e generoso coração;
Pêndula de oiro que em tão curta idade
Só marcava minutos de bondade
E horas de inspiração!

Faz-me bem ler o livro que deixaste:
Eterna flor aberta, cuja haste
Frágil, delgada, apodreceu tão cedo!
Flor que um sopro de génio descerrara
Com essa forma, caprichosa e rara,
Que foi o teu segredo.

Caíste em plena Primavera, quando
Arfavam soltos pelo azul, em bando,
Os rouxinóis da tua fantasia,
Que em largo voo, à luz inspiradora,
Iam de trilos constelando a aurora,
Que corava e sorria.

Cantaste o amor nevrótico, selvagem,
Das forças naturais, que em nós reagem
Contra a moral hipócrita e cruel;
Da tua pena em lágrimas molhada
Caiu, em cada vida amargurada,
Uma gota de mel.

Amaste a natureza ervosa e rica,
O ar puro que os corpos tonifica,
A paisagem que as almas retempera;
De manhã cedo erguias-te do leito
E a passos largos, dilatado o peito,
Sorrindo à Primavera,

Lá ias tu de varapau, sòzinho.
Espreitava-te a rir pelo caminho
A bela musa rústica e pagã;
Diziam-te em voz baixa, de entre as sebes,
Segredos cheios de ironias leves
Os faunos da manhã.

Como as ondinas, emergiam, claros,
Corpos feitos de mármore de Paros,
Nos tanques, sob a copa das nogueiras;
Chapinhavam, cantando nas vertentes,
De pernas nuas e ancas resistentes,
Magotes de ceifeiras.

Em torno à *bonne*, que lhes grita e ralha,
Saltam crianças de chapéus de palha;
Cortam o azul as velas dos moinhos;
E ao sopro das rajadas passageiras
Estremecem os cachos nas parreiras
E os pássaros nos ninhos.

Nos troncos das florestas seculares,
Na corrente motora dos lagares
Que entre duras represas se contorça,
Tu, sacerdote da mais pura ciência,
Amas a seiva, a vida, a resistência,
E celebras a força!

Se caem nas vielas, nos atalhos,
Os vencidos dos ásperos trabalhos,
Os magros da doença e da pobreza,
Tu, homem generoso e são, procuras
Fazer luz nas profundas desventuras
E exaltas a fraqueza!

Olhas a terra e inspiras-te nas flores;
Tens o culto das formas e das cores,
ó frágil e bizarra compleição;
Uma criança, uma mulher, uma ave,
São a música escrita cuja clave
Foi o teu coração.

Detestas a rotina e amas a arte.
Artista, segues num caminho à parte,
Impassível às vaias e aos motejos;
Por cada lufa de epigramas sente
A tua alma uma eléctrica corrente
De suspiros e beijos!

E sorris ao destino que te leva,
Pobre existência, ao desamparo, à treva
Do eterno sono, o corpo agonizante;
Porque da morte a onda transitória
Rouba o cadáver, mas entrega à História
A alma triunfante!

Por isso abro o teu livro, e enquanto o leio
Beijo-te o rosto, aperto-te ao meu seio,
Sinto pulsar teu coração cativo,
Ouço-te a fala na leitura absorto...

... ...

Ah! sim, tu estás eternamente morto
E eternamente vivo!

NO CAMPO

Nós temos na província a quinta dos Colmeiros
Que meu pai conquistou, arrematando-a em praça,
A uns fidalgos de raça,
Heróicos e guerreiros.

Conserva entre jardins uma aparência austera
A casa, com brasões e pórticos antigos,
Onde se enrosca a hera.
Vou sempre para lá com dois ou três amigos
Passar a Primavera;

E mando preparar os nossos aposentos
Na torre onde alta noite, em queixas e gemidos,
Sentimos muita vez o espírito dos ventos
Trazer-nos aos ouvidos

A voz dum menestrel ao bandolim cantando,
Olhos postos na adufa, o caso miserando
De amar quem o despreza,
Enquanto a solarenga em sobressalto o escuta,
Porque o ama também numa renhida luta
Entre estos de paixão e orgulhos de nobreza!

Cheios de horror e espanto, os velhos camponeses
Pasmam de como nós — que arrojo tão nefando! —
Podemos dormir lá, onde eles tantas vezes
Têm visto à luz da lua os avejões dançando!

Mas eu deito-me à noite e durmo como um frade,
Sem comoções nem sustos,
Mesmo quando rebrame em fúria a tempestade
Nos moinhos da herdade,
Ou a grenha sacode aos pinheirais vetustos.

Antes de o sol nascer eis-nos a pé; depois
Vamos pelos atalhos;
Desfia-se no ar a voz dos rouxinóis,
Que fazem a cantar ginástica nos galhos;
Quebra o silêncio ao longe a orquestra dos chocalhos;
Ruminam devagar entre a luzerna os bois.

Correm serenamente as águas das ribeiras;
Dão-se abraços e beijos,
Rociados no pendor das toscas ribanceiras,
Os braços dos poejos
E as bocas das roseiras.

No aprisco, atado em volta aos troncos dos chaparros,
Vamos ver ordenhar o gado do alavão,
E beber em jejum, dum trago, à discrição,
O leite morno ainda a borbulhar nos tarros.

Por entre os aleijões e o musgo dos rochedos
Voam rasteiramente as cotovias pardas,
Julgando ver atrás das silvas e dos bredos
O olhar das espingardas!

Nós sentimo-nos bem, repletos de confortos,
Vivendo entre montanhas,
Que desenham no azul, atléticos abortos,
As formas desiguais, fantásticas, estranhas,
Como uns gigantes maus que ali caíssem mortos.

Lemos Flaubert, Zola, Daudet e outros autores
Dum paladar distinto;

E ao ouvir os pardais nas balsas entre as flores,
Pensamos, a sorrir, nos velhos trovadores
Dos tempos de Filinto.

Detestamos então, lendo os jornais do dia
Sob as nogueiras altas,
Junto dos laranjais,
Lisboa, a capital, o tédio, a hipocondria,
A farsada que ri, ao clarão das ribaltas,
Dos astros imortais.

Sempre viajámos em vagões de luxo,
Custasse o que custasse.
Maciel, porém, riquíssimo avarento,
Arriscava-se a um resfriamento
E... ia em terceira classe!

Tínhamos nos hotéis de maior fama
Das cortes estrangeiras,
Os nossos aposentos no andar nobre;
Porém, Maciel, como se fosse um pobre,
Dormia nas trapeiras.

Dizia-nos Maciel um dia: — «Amigos,
Eu tenho um só ideal,
Tenho um único sonho cor-de-rosa:
Fazer uma viagem sumptuosa
Sem despender real.»

Maciel gostava imenso de teatro;
Leitor, não adivinhas
De onde Maciel ia aplaudir um drama;
Ele, com dois mil contos — que epigrama! —
Ia para as torrinhas!

Entrávamos depois nos restaurantes,
E eu tenho testemunhas
De que enquanto ceávamos, comendo
O que havia de bom, — caso estupendo! —
Maciel roía as unhas.

Nós fumávamos óptimos charutos
E tínhamos bons carros;
Maciel, a pé, e só fumava quando
Lhe dávamos algum charuto brando
Para fazer cigarros.

Mulheres, santo Deus, nem falar nisso!
Se alguma lhe sorria,
Embora as veias lhe escaldasse a lava
Das lúbricas paixões, Maciel baixava
Os olhos e fugia.

... ...

Maciel enterra-se hoje. O funeral
Faz honra ao seu herdeiro.
Berlindas, padres, latinório, o diabo!
Maciel viaja, enfim, como um nababo
E sem gastar dinheiro!

I

DAPHNIS E ALCIMADURA

Passava Alcimadura
Por ser a mais formosa e altiva criatura
Que escarneceu do amor.
Orgulhosa e cruel, dominadora e austera,
Levava o dia inteiro em plena Primavera
Dançando sobre a relva, a rir entre a verdura,
Pelos bosques em flor.

Daphnis, belo pastor, de antiga e nobre raça,
Teve a grande desgraça
De a amar perdidamente.
Ela, porém, que tinha um coração de leoa,
Nem um olhar, nem mesmo uma palavra boa,
Nunca deixou cair nessa alma transparente.

Cansado de lutar, pensou na morte, e um dia,
Para lhe segredar seus fúnebres amores
Nas horas derradeiras,
Correu à porta dela,
Que lá dentro, em voz alta, alegremente ria
Com a turba jovial das suas companheiras.

Bateu; ninguém abriu e os seus fatais lamentos
Perderam-se, infeliz! no turbilhão dos ventos.

E chorava e dizia: — Eu vim para acabar
Aqui, sob o fulgor do teu altivo olhar;
Mas esse coração cruel que me detesta,
Empedernido e mudo,
Nega-me este prazer — meu Deus! — que inda me resta,
Porque me nega tudo.

Quando eu morrer, meu pai, o meu testamenteiro,
Há-de aqui vir, descansa,
Entregar-te o melhor de toda a minha herança,
As pastagens, o gado e o meu fiel rafeiro;

E do remanescente,
Aos meus amigos peço, enfim, que em homenagem
A tão fatais amores,
Construam largamente
Um templo onde se adore a tua bela imagem,
E em cujo altar jamais possam murchar as flores.

Perto do templo eu quero um monumento aonde
Se leia esta inscrição:
«Daphnis morreu de amor; esta lápida esconde,
Na sua noite escura,
Um pobre coração
Despedaçado, a rir, pela crispada mão
Da torva Alcimadura.»

E caindo exalou o derradeiro alento.

Alcimadura então, florida e triunfante,
Saiu, e nesse instante
Suplicaram-lhe em vão que chorasse um momento,
Compadecida, ao pé do desgraçado amante.

Mas ela, coração raivoso e empedernido
Que nunca se perturba,
Invectivando o Amor, seguida pela turba,
Foi dançar em redor da estátua de Cupido,
Nessa noite, ostentando irónico desprezo.

Imprevidente e fátua!
Do alto pedestal, despenhando-se, a estátua
Descarregou sobre ela o seu enorme peso
E esmagou-a.
Uma voz vibrante de calor,

Das nuvens promulgou, em frases singulares
Que o eco repetiu, dispersa pelos ares,
A eterna lei do Amor:

«Tudo amará no mundo. A insensível morreu!»
Mas Daphnis, ao descer à Stígia, estremeceu
Encontrando-a a chorar aflita e contorcida;
E todo o Erebo viu a formosa homicida
A correr suplicante
Sempre atrás do pastor e sempre repelida
Por esse vulto errante
Que tanto a amara em vida!

II

PALAVRAS DE SÓCRATES

Sócrates, construindo a sua casa, via
Que todos afinal
A julgavam mesquinha e iam dizendo mal,
Uns da obra por dentro, outros da frontaria.
«Pequena casa a tua» — alguém lhe disse um dia —
«Quartos tão acanhados
São impróprios de ti, da tua jerarquia.»
Mas ele respondeu que a tinha em demasia,
Porque nunca, apesar de exígua, a encheria
De amigos dedicados.

Tinhas muita razão, bom Sócrates, e loucos
Os que achavam assim as casas tão pequenas:
Amigos todos são, mas são de nome apenas,
Porque de facto poucos.

RECEPÇÕES DE INVERNO

Em Dezembro é na estufa que a Marquesa
Recebe às quintas-feiras,
Sob os leques dormentes das palmeiras,
No ambiente abafadiço dos fogões,
As pessoas das suas relações.

A estufa é alta, quadrilonga e clara;
Os bustos e as estátuas de Carrara,
Tocadas pelo escopro florentino,
Branquejam na folhagem verde-escura;
Adivinha-se o gosto e a compostura
Dum paladar meticuloso e fino.

As orquídeas de rutilos matizes,
Os cóleos e as begónias do equador,
Fartas de seiva e imóveis no torpor
Dos vegetais felizes,

As avencas do norte e os largos fetos
Duma suprema graça,
Onde se aninha o beijo que esvoaça
Na sombra dos recantos predilectos,

Revelam no salão por toda a parte
A distinção, a arte
E a *verve* sedutora
Dessa gentil senhora.

Nas festas da Marquesa toda a gente
Se esforça por mostrar
Que é íntimo da casa, ou que é parente
Da ilustre titular.

E ela passa por entre os convidados,
Risonhos e curvados
Defronte dos espelhos,
Pròdigamente desfolhando frases
Que animam os desejos dos rapazes
E as ilusões dos velhos!

O busto firme e decotado; o rosto
É uma graça vê-lo!
Nunca teve na vida um só momento
Em que o toldasse a sombra dum desgosto

Ou o fantasma trágico e sangrento
De qualquer pesadelo.

As mulheres odeiam-na; pudera!
A inveja corrói-as,
Ante essa apetecida Primavera,
De colo nu, a trasbordar de jóias,
E que arrasta, ondulando como as cobras,
A longa cauda de insolentes dobras.

Não lhe perdoam essas três virtudes:
O espírito, a beleza e a mocidade;
Três coisas, na verdade,
Que mordem, como abelhas,
As feias, as estúpidas e as velhas.

A Marquesa, porém, pouco lhe importa
Que a boca da calúnia
Lhe vá gritar à porta;
Ela encara-a de frente, à luz do dia,
O seu olhar fulmina-a, e a ironia
Do seu sorriso pune-a!

Que lindas festas no palácio dela!
E é das mais procuradas distinções
A entrada nos salões
Dessa mulher, tão caprichosa e bela.

Ali nunca se dança,
O que muito incomoda
As raparigas, cujas mães consentem
Que andem nas salas de cabeça à roda
E apertadas nos braços
Duns jovens e finíssimos devassos!

Conversa-se e discute-se entre as flores;
Um quinteto de exímios professores
A distância executa
Trechos da mais correcta procedência,
Que pulsam na regência
Duma ardente e fantástica batuta.

A estufa comunica por arcadas
Com os vastos salões,
Galerias de telas afamadas,
Apenas admiradas
Por um ou outro artista que frequenta
Aquelas recepções.

Dispersas sobre os móveis, em vitrinas,
Mil coisas antiquíssimas e raras:
As velhas jóias da família, as rendas,
Os esmaltes, as pratas estupendas
E as porcelanas caras.

Ao fundo a sala do bufete. As portas
Abrem-se geralmente
À meia-noite; e toda aquela gente
A invade num tropel que se baseia
Nessa suprema aspiração: — a ceia!

... ...

Mas nessas noites, que a Marquesa esmalta
Duma antiga e fidalga polidez,
Falta alguém, que afinal nunca faz falta:
Um *fantoche* tristíssimo — o Marquês!

O LEQUE

O teu leque de plumas rendilhado,
Trabalho heróico dum chinês paciente,
É um discreto e mudo confidente;
O que de mim tu lhe terás contado!

Esconde-me esse olhar doce e magoado
E os risos dessa boca húmida e quente,
O teu leque de plumas rendilhado,
Trabalho heróico dum chinês paciente.

Eu sei dum triste poeta apaixonado,
Que na vertigem duma valsa ardente
A mão te comprimiu, tão desvairado,
Que fez cair inconscientemente
O teu leque de plumas rendilhado,
Trabalho heróico dum chinês paciente.

Hoje que vão dispersas na corrente
As murchas ilusões do meu passado,
Apraz-me às vezes recordar o enfado
Com que tu me chamaste impertinente
Ao ver no chão — muito padece a gente! —
O teu leque de plumas rendilhado,
Trabalho heróico dum Chinês paciente.

Eu desejo fazer-te um bom presente;
Vamos portanto os dois,
Sob este sol formoso, alegre e quente,
Pedir aos rouxinóis

Que longe do bulício das cidades,
Pelas florestas, vão
Mostrar-nos as mais belas novidades
Da última estação.

Aí tens tu nos ramos das ginjeiras
Jóias de bons quilates;
Vou portanto comprar-te umas pulseiras
De ginjas escarlates.

E porque é ponto assente que as mulheres
São um tanto vaidosas,
Quero dar-te um colar de malmequeres
Com pingentes de rosas.

Verás depois a distinção, a arte
Com que eu pelas florestas
Prometo as negras tranças adornar-te
Com ouro das giestas.

Para os anéis há jorros de brilhantes
Aí por essas matas,
Que saem das gargantas soluçantes,
Abertas nas cascatas.

Mas se preferes para os teus anéis
As esmeraldas finas,
Arranco-as à murta dos vergéis
E à relva das campinas.

Sempre gostei de ver as raparigas.
Morenas quais crioulas,
Coroadas de oiro e de rubis: — espigas
Crivadas de papoulas.

Vou coroar-te assim. — Os rouxinóis
Murmuram pelos bosques perfumados
Que Deus, e com razão,
Dirá, sorrindo, ao ver-nos, de nós dois:
«A rainha da última estação
E o mais humilde e bom dos seus criados.»

PRIMEIRO AMOR

A Teresinha cismava
Erguendo os olhos magoados
Aos espaços constelados.
Pelos montes sobranceiros,
Brancos, disformes, flutuantes,
Pairavam os nevoeiros
Como fantasmas errantes.

— O que é isso, Teresinha?
Tão triste!
— Sim, é verdade.
— Teve alguém a crueldade
De a molestar? Diga.
— Não!
— Mas nesse caso não vejo
A razão dessa tristeza
Que apagou a luz acesa
Dentro do seu coração;
Há-de dizer-me a razão
Por que está triste...
— Não digo.
Mas há porventura alguém
Que seja mais seu amigo

E melhor guarde um segredo
Do que eu?
— Pois sim, mas não digo.

E a Teresinha cismava
Erguendo os olhos magoados
Aos espaços constelados.
Pelos montes sobranceiros,
Brancos, disformes, flutuantes,
Pairavam os nevoeiros
Como fantasmas errantes.

Sobre a praça das *tourinhas*,
No campo de Seteais,
Andavam as andorinhas
Das amarguras ideais,
Que invadem, leves e mansas,
Os corações das crianças.

Eu insisti:
— Teresinha,
Mas não existe ninguém,
Nem seu pai, nem sua mãe,
Que saiba o que é que motiva
A cismadora tristeza
Que a torna tão pensativa?
«— Só eu e Deus, mais ninguém!»

Mas quem teima sempre alcança,
E eu pude enfim perceber
Que começava a bater
No peito dessa criança
Um coração de mulher.

E a Teresinha cismava
Erguendo os olhos magoados
Aos espaços constelados.
Pelos montes sobranceiros,
Brancos, disformes, flutuantes,
Pairavam os nevoeiros
Como fantasmas errantes.

Teresinha, o teu segredo
Disseste-o, cheia de medo,
Erguendo os olhos ao céu...
Descansa, que o não revelo,
Mas somos três a sabê-lo:
É Deus, és tu... e sou eu!

REVOLTA

Sob o otélico olhar do Sol ardente,
Na sua eterna e luminosa estrada,
Caminha pelo espaço humildemente
A Terra, a velha escrava subjugada!

O homem bate-lhe, arranca-lhe os cabelos,
Calca-a aos pés, revolve-lhe as entranhas,
E carrega-lhe o dorso das montanhas
Com as broncas muralhas dos castelos!

Quebra-lhe os grandes ossos das pedreiras,
Retalha-a com os ferros dos arados,
Abre-lhe chagas vivas nos valados,
Bebe-lhe o sangue rubro nas videiras!

E a Terra, a grande mártir resignada,
Não se queixa e caminha humildemente
Na sua eterna e luminosa estrada,
Sob o otélico olhar do Sol ardente.

Cansada um dia de sofrer, protesta
Vingando-se!... Em medonhos paroxismos
Abre as fauces cruéis dos seus abismos
E engole a gente rude que a molesta!

E o frio, o luto, o desespero, a fome
Vão consumar essa brutal vingança...
Nações, uni-vos na mais santa aliança,
Humanidade, honrai o vosso nome!

Ontem foi Portugal, hoje é a Espanha,
Reparta cada povo o seu tesouro,
Que Deus dará umas esporas de ouro
A quem mais se esforçar nesta campanha.

... ...

E a Terra, a velha escrava resignada,
Continuará seguindo humildemente,
Na sua eterna e luminosa estrada,
Sob o otélico olhar do Sol ardente...

VIOLÃO NOCTURNO

Impressões dos terramotos da Andaluzia

É noite. Enquanto escrevo ouço na rua, ao largo,
Uma chorosa voz, tremente de paixão,
Cantar da *malagueña* um trecho lento e amargo,
Ao triste soluçar dum lúgubre violão.

E porque na minha alma um grande horror desenha
Os destroços brutais da Espanha derrocada,
Parece-me que a vejo, aflita e desgrenhada,
A chorar e a tremer naquela *malagueña*.

INGÉNUA

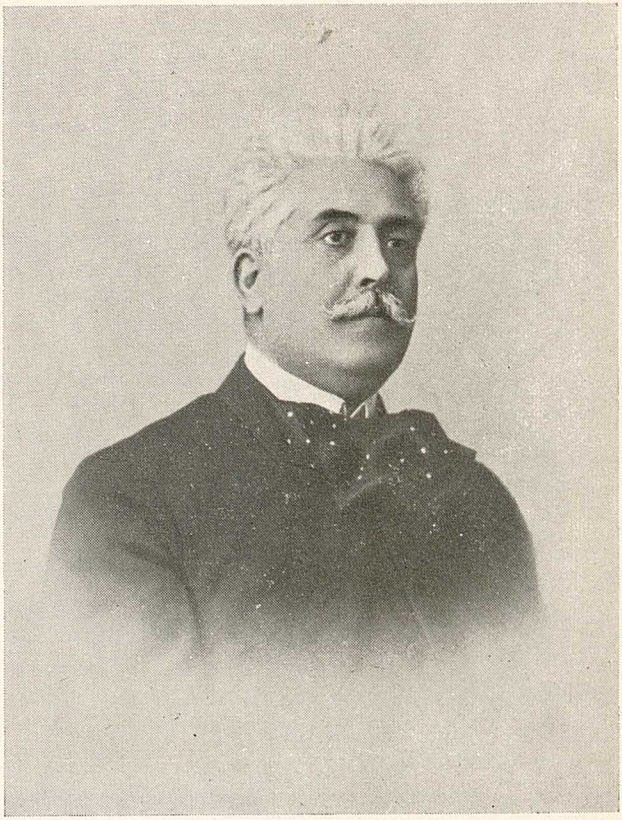
Tu és risonha, sossegada e pura.
No teu olhar ingènuamente brilha
O olhar de Deus. ó doce criatura,
Como eu te invejo, filha!

O teu coraçãozinho, tão fechado
Como um botão de rosa, quando o vejo
A abrir-se num sorriso imaculado,
Filha, como eu te invejo!

Quando a minha alma se entristece e chora,
Oculta na penumbra em que se humilha,
Ao ver a tua deslumbrante aurora
Como eu te invejo, filha!

Chamas-me às vezes o teu velho amigo
E beijas-me no rosto; a cada beijo
Abraço-te, criança, e te bendigo;
Mas, ai, como eu te invejo!

BIBLIOTECA PÚBLICA
ÉVORA



O CONDE DE MONSARAZ
Par do Reino
Em 1899

VERSOS DISPERSOS

SÉCULO XIX

VELHA COMPOSIÇÃO

(1878)

Têm-me estado a lembrar as cenas desgrenhadas
Da tua singular irritabilidade,
Agora que te vejo em estreita intimidade,
Pelo meu braço, a rir, à sombra das latadas.

Vamos gozando assim esta existência curta...
Que linda noite! Eu sou propenso aos bucolismos;
Gosto de adormecer à beira dos abismos,
Tranquilo, ao pé de ti, deitado sobre a murta.

Olha que bom tapete — o feno e os malmequeres —
Sentemo-nos aqui; ouve-se o mar distante:
Quero escutar ao longe os fundos misereres
Que entoa num deserto a alma dum gigante.

Escuta: Que fatal aspiração, que mágoas!
Vê nos jardins do Azul os frutos luminosos
E, Tântalo imortal, oculto sob as águas,
Ergue a rugir debalde os braços monstruosos

Para colhê-los, vê... Pobre gigante aflito,
Eu sou, como tu és, um Tântalo; procuro,
Preso à terra também, nas sombras do futuro
Debalde erguer-me à luz dos astros do Infinito!

Quando, sob a pressão nervosa do teu pulso,
A alma de Chopin soluça no teclado,
Ascende-me às regiões do espaço ilimitado
O espírito convulso.

Não sei que amarga dor todo o meu ser invade
Num turbilhão febril de lágrimas e queixas;
Chora dentro de mim, em fúnebres endechas,
O génio da saudade.

Chora, leva-me e vou, num êxtase profundo,
Às frias solidões, às ermas sepulturas,
Onde dormem na treva as mortas criaturas
Que eu mais amei no mundo.

E, na alucinação dos meus nervos de artista,
Numa névoa de sonho, essas visões amadas
Surgem, fitam-me e vão fundir-se nas nevadas
Que o meu olhar avista.

.

Que o meu olhar avista ao longe, nem sei onde,
Neste oceano sem fim, em que de vaga em vaga
A alma vai e se esvai, porque a razão se apaga
E a consciência se esconde...

ELEGIA

Adoro a mocidade, a beleza, a alegria,
E se amo é porque ela
É nova, alegre e bela
Como o romper do dia!

Cantam-lhe rouxinóis quando ri, quando fala,
Na boca húmida e fresca
E a minha alma, abrasada, ouvindo-a se regala
Numa água cristalina
Que a lava e que a refresca.

Se acaso ela se inclina,
Loira, branca de neve,
Sobre mim tão de manso, tão de leve,
Num beijo ou num afago
Como pomba feliz à flor dum lago,

Todo me envolve num lençol de arminhos
E eu, o rebelde, o triste,
Sinto que nos mais ásperos caminhos
Alguma coisa existe
Que varre as sombras e agasalha os ninhos.

E sou como ela então alegre e novo,
Com ela brinco e rio
Às vezes ou então,
Se acaso me enterneço e me comovo,
Sinto correr as lágrimas em fio
Sem lhes poder ter mão.

Como eu lhe quero! Branca, loira e linda;
Linda como jamais
Eu vi outra mulher
Neste mundo, entre os míseros mortais!
E ai, como ela me quer,
Ai, como eu sou amado!
Entorna a doce paz, o mel das flores
Neste meu coração amargurado
E adoça as minhas dores.

Se o meu olhar ansioso voa, voa
E encontra o dela — esse infinito mar —
Vê logo essa alma enternecida e boa
E eu já não ando à toa
Nem posso naufragar...

Lancha frágil, sem remos e sem vela,
Que seria de mim se não fosse ela!
Andaria perdido
De barranco em barranco,
Na eterna expiação dos meus pecados,
Se não levasse os olhos e o sentido
Cheios de fé pregados

Na aérea ondulação
Do seu vestido branco,
Que me guia através da escuridão.

Se a não vejo um momento,
Senhor, que desalento!
Meu Deus, como ela tarda!
Mas quando volta a rir, tranquila e calma,
Ai, Deus te pague, filha da minha alma,
Anjo da minha guarda!

Errante eu andaria
Em trevas, a penar,
Se o sol dessa alegria
Não viesse aquecer-me, dia a dia,
Com a graça infantil do seu olhar.
... ...
Quando ao morrer o sangue se enregela
E a luz se apaga, sem calor, sem luz,
E sem ouvir alguém chorar... Jesus,
O que há-de ser de mim se não for ela!

A JOÃO PENHA

ó Musa alegre e triste, que resumes
Do espírito as facetas cristalinas:
Ou de ironia e graça te iluminas,
Ou te entristecem mágoas e queixumes.

Tu sobes do Parnaso aos altos cumes
E lá, perto dos astros, nos ensinas
Do céu a ouvir as músicas divinas
E a haurir da terra os cálidos perfumes.

Aqui, nas margens do Mondego, aonde
Para cantar o rouxinol se esconde
Dos salgueiros nas trémulas ramadas,

ó Musa alegre e triste, o Poeta sente
Perpassar nos murmúrios da corrente
Os teus prantos e as tuas gargalhadas!

A GARRETT

Garrett empunha o látego e fustiga
Os morcegos da Arcádia sonolenta.
Dentre as brumas do exílio o sol rebenta
E doira os horizontes da alma antiga.

Nasce a poesia em borbotões, irriga
Montes e vales, e fecunda e alenta
A raça portuguesa, que sedenta
Dum novo ideal se esgota de fadiga!

Garrett, volta de novo, acode ao leme:
Camões, a D. Branca e o Alfageme
Levar-nos-ão à terra prometida...

A alma literária erra sem norte;
Vivo, arrancaste-a noutro tempo à morte,
Tu podes, morto, inda chamá-la à vida!

A JOÃO DE DEUS

«João, disse Deus, vou dotar-te:
Concedo-te engenho e arte
E o meu nome — és pois dos meus.»

O Poeta está consagrado:
Que o Poeta seja louvado
E louvado seja Deus!

BRINDE

A Rafael Bordalo Pinheiro

Alma de artista, alma grande,
Ardente, heróica, genial,
Que é sempre, quando se expande,
A alma de Portugal;
Que é nossa, da nossa vida,
Da nossa raça atrevida,
Alma ardente dos maiores,
Do fino toque daquelas
Que ansiaram nas caravelas
Dos grandes descobridores,
E pela História, irradiando,
Ou combatendo ou cantando,
Fulgem com tais esplendores,
Que a Pátria nos surge, ao vê-las,
Num céu coalhado de estrelas,
Num chão coberto de flores!
Céu largo e terra fecunda,
Onde germina, em que abunda

O amor, a graça, a paixão;
Velha terra, que sempre há-de
Ser linda de mocidade
E cheia de coração;
Que é infeliz e procura
Conforto na desventura
E calma no temporal;
Sofre e ri, padece e canta,
Quando a dor lhe turva a vista
E lhe treme na garganta,
Para espantar o seu mal!
Ai! Portugal da Conquista,
Deus te perdoe e te assista
Na tua hora final...

Eu brindo à alma do Artista,
Que é a alma de Portugal!

LUA...

Lua velha dos românticos,
Quando entre nuvens tu passas,
Já não te cantam desgraças,
Nem te rodeiam de cânticos.

Tu sofres dum mal enorme,
Dum mal que não tem remédio;
Andas doente conforme
Eu ando: cheia de tédio.

Tu és a barca do ideal,
A quem partiram os remos,
ó lua de João de Lemos,
Lua de Eduardo Vidal;

Ninguém quer os teus afagos
E já ninguém te procura,
Entre festões de verdura,
Adormecida nos lagos.

Vão é o esforço que fazes,
Já não podes, velha lua,
Alucinar os rapazes
E os cães que ladram na rua.

Muito tempo andaste fora
Do sistema planetário;
Por isso te vejo agora
Como um triste dromedário

Que os líricos histriões,
Que só cuidam de explorar-te,
Arrastam por toda a parte,
Aos olhos das multidões!...

À VIRGEM

Ó Virgem de Nazaré,
Ó doce Mãe de Jesus,
Lírio aberto aos pés da cruz,
Cujas pétalas de luz
Vertem lágrimas de fé:

Que o teu amor me proteja,
E eu te prometo ir de joelhos
A beijar os Evangelhos,
Que brilham como uns espelhos
Sobre o altar da tua igreja!

Aos que choram pelos trilhos
Da noite, só que lhes fales,
Podes tanto e tanto vales,
Que extingues todos os males,
Ó mãe de todos os filhos.

Se é descrente, logo crê;
Se é cego, tu dás-lhe luz...
Os meus tristes olhos pus
Em ti, ó Mãe de Jesus,
ó Virgem de Nazaré.

VILANCETE

A Sua Majestade a Rainha

Pedis, Senhora, o meu livro.
Mas Vós, pedindo-o, sabeis
Que dais e não recebeis.

Vós tendes o amor, a graça
Carinhosa duma rola,
Quando lançais uma esmola
Sobre a miséria que passa.
Deus paga o bem que se faça
E Vós, no bem que fazeis,
Se dais também recebeis.

Senhora, é certo que às vezes,
A sós, com Deus, suplicais
Remédio aos males gerais
Que afligem os Portugueses.
Se vos acode aos reveses,
Em face do Rei dos reis,
Vós não dais, mas recebeis.

Só por gentil e donosa,
Sabendo o pouco que eu valho,
Honrais o esforço, o trabalho
Dos meus sonhos cor-de-rosa.
Nessa exigência graciosa,
Senhora, Vós bem sabeis
Que dais e não recebeis.

À RAINHA

Viva a Rainha!
Entre um bando
De pombas brancas vai ela,
Como num sonho passando...
Arde-lhe ao peito uma estrela,
E a gente imagina, ao vê-la
Que as pombas a vão levando!

Que linda vai! Não descansa,
Anjo do bem contra o mal;
Porque ela é filha da França,
Mas é mãe de Portugal,
A Senhora da Bonança
Que nos acode e nos vale.

Alta, risonha, inclinada
Para os que sofrem, caminha
Nessa bendita cruzada
Contra o mal que nos definha.
Deus ilumina-lhe a estrada...
Que linda!
Viva a Rainha!

AO PRÍNCIPE REAL

Tem ao passar Vossa Alteza
A esbelta graça, a beleza
Duma tulipa real;
E assim, tão loiro e tão fino,
Faz lembrar um pequenino
Pajenzito medieval.

As fadas que amam os pajens
Dizem, por entre as ramagens,
Num murmúrio extasiado:
«Como é lindo o pajenzito!
Deus que o criou tão bonito
É porque o quer bem fadado.»

Ao vê-lo ninguém se ilude:
Terá talento e saúde,
A vida larga e feliz;
Coração de fina raça,
Desbravará a desgraça
Que cresce no seu país.

Há-de ser bom e valente
Como herdeiro e descendente
Dos mais preclaros heróis;
Quando um dia resplandeça,
Terá águias na cabeça
E no peito rouxinóis.

Hão-de render-se, cativos,
Os corações mais altivos
E as mais austeras belezas,
Se um dia, príncipe em flor,
Oscular galanteador
As finas mãos das princesas.

E as fadas enternecidas,
Dentre as acácias floridas,
Repetem de cada lado:
«Como é lindo o pajenzito!
Deus que o criou tão bonito
É porque o quer bem fadado.»

Num leque

I

Detesto cordialmente os madrigais,
Que são, minha senhora,
Hipócritas, antigos e banais.
Não é, portanto, um madrigal dos tais
O que dirijo agora,
À linda flor de pétalas reais.

Quando este leque se agitar, convulso,
Na corrente nervosa do seu pulso,
Fará lembrar decerto
Uma esmaltada borboleta, ansiosa,
Que do seu rosto olímpico anda perto,
Porque o julga a corola cetinosa,
O botão entreaberto
Duma fina camélia cor-de-rosa.

II

Ao vê-la, ninguém se ilude,
Fina flor de velha raça,
Diz que perdeu a saúde...
Talvez; mas, por mais que faça,
Nunca há-de perder a graça.

III

Branca e loira como um lírio,
Nesta vida transitória,
És a Palma do martírio?
«Não! Sou a Palma da glória!»

IV

Aves dos bosques, ouvi-a,
Calai-vos, ondas da praia;
Génios subtis da harmonia
E anjos do céu, escutai-a!

V

À Duse

Jóias, versos, flores, palmas,
Parece tudo mesquinho
Para juncar o caminho
Dessa rainha das almas;

E porque não encontramos
Na terra nada que preste,
Dai-lhe vós jóias e ramos,
Anjos da corte celeste!

P. S.

Senhora, eu quero dizer-vos,
Jurar-vos por minha vida,
Que, só de ouvir-vos e ver-vos,
Eu trago a alma dorida
E fatigados os nervos!...

VI

«De boa mente te ofereço
meu pequeno coração...»

Teu coração é tenrinho
E posto no seu lugar,
Passarinho preso ao ninho,
Quer, mas não pode voar!

Tem ânsias de liberdade,
E a nostalgia do ar,
E a cada ilusão que o invade,
Quer, mas não pode cantar!

Virá um dia, bem cedo,
E adeus família, adeus lar!
Terá voz, não terá medo
Para cantar e voar...

Virá outro passarito,
Que o há-de desafiar,
Mostrar-lhe o espaço infinito,
E adeus família, adeus lar!

Irão os dois, que alegria!
Voando e cantando a par
O amor, a graça, a poesia,
Que enche a terra, o céu e o mar...
... ...
Tu dás-me o teu coração
E eu não to quero aceitar:
Será para esse ladrão,
Que há-de vir e o vem roubar!

VII

Um D. João, moço e galhardo,
Que ardia, assim como eu ardo,
No fogo da inspiração,
À luz fugaz dos coriscos,
Celebrou-lhe os olhos piscos
Em tempos que já lá vão!

Por onde quer que ela passa,
Fuzila o espírito, a graça
Da sua eterna alegria;
E a boca, em arco de flecha,
Ai de nós se nos desfecha
A seta duma ironia!

Por dandismo ou por higiene,
O andar é sempre solene —
Grande «dame», grande tom!
Erecta como um florete,
Lembra Marie Antoinette
Nas ruas do Trianon.

As mãos e os braços, que alvura!
E que perfeita escultura,
Que belo e clássico estilo!
Referem que é seu intento
Deixá-las em testamento
À própria Vénus de Milo.

Os dentes são um teclado
Onde vibra o sopro alado
Da sua voz musical...
Faltam-lhe teclas, é certo,
Mas isso não tem conserto,
Não há marfim que as iguale!

VIII

Enquanto a sua mão, nervosa e fina,
O meu cansado aspecto reproduz,
E o seu olhar de artista, ébrio de luz,
Os meus cabelos brancos ilumina,

Vendo-a em frente de mim, pálido o rosto,
Todo afogado em ondas de oiro, creio
Que Deus quis ver, sem nuvens de permeio,
O Sol nascente em frente do Sol posto.

No salão

ELE

Eu amo-a

ELA

Não acredito.

ELE

Com um amor infinito
Ardente...

ELA *(corando)*

Senhor!...

ELE

Fatal!

Eu amo-a, sim, é tão doce
Dizer-lhe isto...

ELA *(à parte)*

Se assim fosse...

ELE *(com os seus botões)*

Eu sou um grande animal!

ELA *(à parte, olhando-o de soslaio)*

E não tem nada de feio!...

ELE *(vendo-a nervosa e enleada)*

Que é isso?... Treme?...

ELA *(em voz quase sumida)*

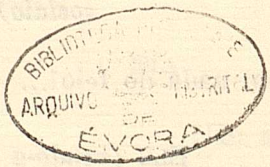
Receio
Que me iluda...

ELE *(heròicamente)*

Eu sou capaz,
Para obter um seu sorriso
De morrer, sendo preciso...
Juro-lho!...

ELA *(completamente vencida)*

Pobre rapaz!...



ÍNDICE

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

ÍNDICE

TELAS HISTÓRICAS

	Pág.
O Grande Marquês	13
A Lenda do Jesuitismo	45
Justiça de El-Rei	65
Tálamo Virgem	75

POESIAS

DO ÚLTIMO ROMANTICO

Dia de Anos	81
Narcóticos	85
Esfinge	86
Rouxinóis	87
Última Vontade	89
Súplica	90
Compensações	92
Tristezas Mortais	93
Sublata Causa	94
Carnalidade	95
Dor Ingénita	96
Escravomania	98
Nocturno	101

Pág.

Deus Te Pague! 102
Trecho de Mocidade 104
Sereia 107
Manhã de Outono 109
Durante a Insónia 112
Miséria Humana 116
Culto Interior 117

PÁGINAS SOLTAS

Aos Tristes 121
Manhã de Abril 122
O «Cotillon» 124
No «Père-Lachaise» 126
A Solarenga 127
No Paço 132
Do Cancioneiro de Fausto 133
A Prece 134
No Túmulo duma Criança 139
A Arquiduquesa 140
As Duas Monjas 143
Mãos Patrícias 150
Fragmento de Elegia 152
A uma Grande Artista 154
Versos e Flores 155
A Meu Sogro 156
Canção Antiga 157
Rendas, Flores e Plumas 159
Nuvens de Lágrimas 161
Pesadelo 163
O Berço 164
Abuso de Confiança 166
A Cesário Verde 169
No Campo 175
Maciel 179

Pág.

Duas Fábulas de La Fontaine 182
Recepções de Inverno 187
O Leque 192
Presente de Anos 194
Primeiro Amor 197
Revolta 200
Violão Nocturno 202
Ingénua 203

VERSOS DISPERSOS

(SÉCULO XIX)

Velha Composição 207
Momentos de Sonho 209
Elegia 211
A João Penha 214
A Garrett 215
A João de Deus 216
Brinde 217
Lua... 219
À Virgem 221
Vilancete 223
À Rainha 225
Ao Príncipe Real 226
Madrigais 228
Durante o Baile 234

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA EDITORIAL IMPÉRIO, LDA., RUA DO SALITRE, 151 A 155 - LISBOA